

AUTORES & LIVROS

1/2/942
Ano II

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"
publicado semanalmente, sob a direção de Múcio
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. II
Núm. 4

Notícia sobre Joaquim Nabuco

Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo nasceu em Recife, Pernambuco, em 19 de agosto de 1849. Era filho do senador José Tomaz Nabuco de Araújo e de sua esposa, d. Ana Benigna Barreto Nabuco de Araújo, irmã do marquês do Recife, o morgado do Cabo, Francisco Pais Barreto.

Estudou humanidades no Pedro II, e, bacharel em letras, em 1865, seguiu para São Paulo, onde fez os três primeiros anos de Direito. Foi concluir o curso no Recife.

Formado em 1870, era, em 1876, nomeado adido de nossa legação nos Estados Unidos. Em 1879, era eleito deputado geral por sua província, vindo então residir no Rio de Janeiro. Sua entrada para a Câmara marcou o início de sua maravilhosa campanha em favor do Abolicionismo, causa nacional, na defesa da qual ele tanto cresceu na admissão e no amor de todos os brasileiros.

De 1881 a 1884, Nabuco viajou na Europa. Regressando ao seu país, foi

novamente eleito deputado por Pernambuco, retomando o lugar de "leader" da campanha abolicionista, luta que, cinco anos depois, era coroada do mais esplêndido êxito.

Com a proclamação da República, em 1889, Nabuco retirou-se da vida pública, entregando-se à meditação e ao estudo.

O Brasil, porém, não podia dispensar os serviços de um homem da sua superioridade espiritual e cultural. E Campos Sales conseguiu demovê-lo a aceitar o cargo de nosso advogado na causa que tínhamos com a Inglaterra, a respeito dos limites da Guiana Inglesa na região do Pirara.

Nabuco passou, depois, a ser o nosso embaixador em Londres, e logo após (1905) em Washington. Na capital da grande república do Norte, teve ele uma situação privilegiada, alcançando um prestígio que raros diplomatas ali terão desfrutado. Em 1906, veio ao Rio, para presidir, de julho a agosto, à Terceira Conferência Pan-Americana. Em sua companhia viajou o secretário de Estado norte-americano Elihu Root. Sua atuação, o idealismo de suas palavras, a sabedoria de seus conceitos, tudo isso já fazia entrever o desenrolar ulterior da política do nosso continente, e como que anunciava a hora intensamente americanista, que estamos vivendo hoje.

Em 1909, fez ele, em caráter oficial, uma viagem a Havana, para assistir à restauração do governo nacional de Cuba. Nesse mesmo ano, assinou em Washington várias convenções de Arbitramento com os Estados Unidos, Panamá, Equador, Costa Rica e Cuba.

O ilustre brasileiro faleceu em Washington, em 17 de janeiro de 1910. Vi-

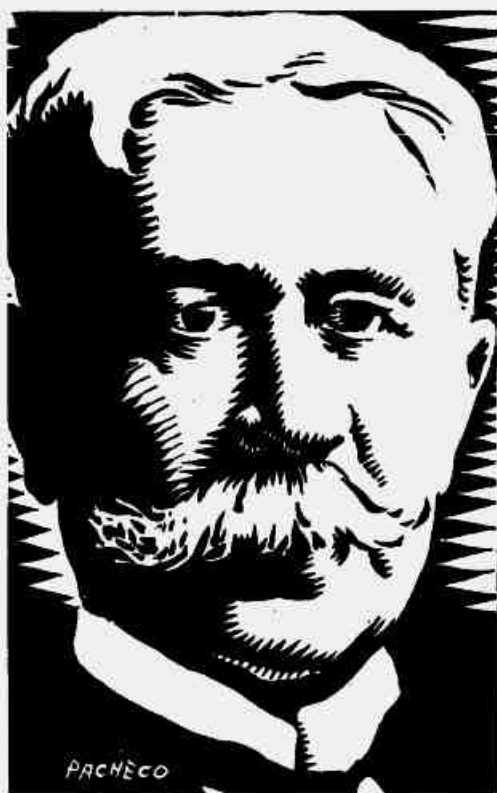
timou-o uma hemorragia cerebral. Seu corpo foi conduzido, com solenidade excepcional, para o cemitério da capital americana, e depois veio para o Brasil, no cruzador americano "North Caroline", que aqui chegou a 9 de abril daquele ano. Foi logo depois transportado para o Recife, encontrando-se hoje inumado no cemitério de Santo Amaro, na cidade que o viu nascer.

Em 28 de setembro de 1915, Recife lhe ergueu, em uma de suas praças públicas, uma estátua.

Bibliografia de Nabuco

A bibliografia de Nabuco é valiosíssima e muito extensa. Na impossibilidade de dá-la na íntegra, remetemos os leitores ao *Dicionário Bio-bibliográfico Brasileiro*, de Argeu Guimarães, que consigna 96 trabalhos diferentes do escritor. Aqui daremos uma lista dos trabalhos mais importantes que lhe devemos:

- *L'Amour est Dieu* — poesias líricas.
- *Camões e os Lusíadas*, Rio, 1872.
- *Le Droit au meurtre, lettre à M. E. Renan* — Rio — 1872.
- *Castro Alves* (trinta páginas) — Rio, 1873.
- *O Abolicionismo* — Londres — 1883.
- *Campanha abolicionista no Recife* — Eleições de 1884. — Rio — 1885.
- *Henri George*, Rio, 1884.
- *O erro do Imperador*, Rio, 1886.
- *Escravidão* — Versos franceses com versão portuguesa — Rio — 1886.
- *Porque continuo a ser monarquista* — Londres — 1890.
- *Balmaceda*, Rio, 1895.
- *A intervenção estrangeira durante a revolta*. — Rio, 1896.
- *Um estadista do Império*, (três tomos), Rio, 1899.
- *Minha Formação*, Paris e Rio, 1900.
- *Escritos e discursos literários*, Rio, Paris, 1901.
- *Pensées détachées et souvenirs*, Paris, 1908.
- Várias memórias sobre as fronteiras do Brasil.
- Várias conferências e discursos em inglês, feitos nos Estados Unidos.
- *L'Option* (drame en cinq actes), Paris 1910.
- *Discursos e Conferências nos Estados Unidos*, Tradução do inglês de Artur Bomilcar. — Rio — 1911.



PACHÊCO

JOAQUIM NABUCO

SUMÁRIO

PÁGINA 49:

- Notícia sobre Joaquim Nabuco.
- Aos leitores.
- Sumário.

PÁGINAS 50 e 51:

- Algumas páginas de *Minha Formação*, sobre o movimento abolicionista, de Joaquim Nabuco.

PÁGINA 52:

- *Uma visita a Mangangara*, de Múcio Leão.
- Opiniões sobre Joaquim Nabuco. Opinião de Ronald de Carvalho.
- Pensamentos de Joaquim Nabuco.

PÁGINA 53:

- Joaquim Nabuco, orador. Discursos de instalação da Academia Brasileira, pronunciado pelo Secretário Geral.

PÁGINA 54:

- Pensamentos soltos, de D. Milano.
- Joaquim Nabuco, de Afonso Celso.

PÁGINA 55:

- Nabuco, poeta. Aos bravos de Riachuelo — Dois sonetos a Camões: Inez e Catarina e Apoteose.
- Antecipação da Posteridade, de Xavier Marques (da Academia Brasileira).

PÁGINA 56:

- Algumas cartas da correspondência de Joaquim Nabuco com Machado de Assis.

PÁGINA 58:

- O senador Nabuco de Araújo, de Joaquim Nabuco.
- Pensamentos de Joaquim Nabuco.
- Joaquim Nabuco e a República — O drama de uma consciência, de James Darcy.

PÁGINA 59:

- Joaquim Nabuco, de João Ribeiro.
- Pensamentos de Joaquim Nabuco.

PÁGINA 60:

- Correspondência de Joaquim Nabuco e João Ribeiro.

PÁGINA 61:

- Correspondência de escritores, Carta de Joaquim Nabuco a Graça Aranha (fac-símile).
- Pensamentos de Joaquim Nabuco.

PÁGINA 62:

- Uma apreciação sobre Autores e Livros, artigo de Menotti del Picchia.
- Sésinha, poema de Sara Souza, com ilustração de Santa Rosa.
- O Intermezzo de H. Heine.

PÁGINA 63:

- Um precursor brasileiro de Heine, de Ernesto Feder.
- Regresso dos Fables Inexistentes, de Afonso de Guimarães Filho.

PÁGINA 64:

- Curso de estudos da Amazônia. 4.ª aula — Geografia da Amazônia, de Afonso Varzea.
- Efemérides da Academia.

AOS LEITORES

— Os números deste suplemento, correspondentes aos meses de agosto, setembro e outubro de 1941, acham-se completamente esgotados, e por isso não podemos atender aos numerosos pedidos dos colecionadores, que nos chegam de todo o Brasil.

Na redação de A MANHÃ, em mãos do sr. Rodolfo Leal Ferreira, encontram-se à venda algumas coleções completas desta publicação.

— Dadas as dificuldades de importação de papel, o presente número do suplemento, dedicado a Nabuco, sai com apenas 15 páginas, quando havia de ter 32. Para que possamos compensar o estudo do grande brasileiro, ainda lhe dedicaremos, em outra edição de 16 páginas, o próximo suplemento.

— Pedimos aos leitores, em virtude do imenso acúmulo de matéria que está sobre a nossa mesa, que se abstenham de oferecer nos originais.

Também prevenimos que em hipótese nenhuma devolveremos os trabalhos que nos forem remetidos e não puderem ser aproveitados.

Algumas páginas de "Minha Formação"

ALGUMAS FIGURAS

E-me quase impossível falar, hoje, da abolição senão por incidentes e figuras destacadas... Tudo que digo é sob a ressalva de que tenho muito mais que dizer; se pronuncio um nome está subentendido que ele é apenas um de um extenso calendário; que os dísticos estão cheios... Quem faria nunca essa história com imparcialidade, justiça e penetração, sem deixar entrar nela a paixão política, o preconceito científico, a fascinação ou sujeição pessoal? Ninguém, de certo; o que quer dizer que haverá diversas histórias. A minha contribuição para o assunto há de um dia ser o meu arquivo, notas explicativas, e alguns fragmentos a respeito de diversos fatos em que estive envolvido ou de que tive conhecimento direto... Esse trabalho, essa desbragada, ao mesmo tempo que depoimento pessoal, espero que Deus me dê a tempo e modo de o fazer como planejo. Seria uma espécie de chave para o período que encerra a era monárquica.

Dentre aqueles com quem mais intimamente lidei em 1879 e 1880 e que formavam comigo um grupo homogêneo, a nossa pequena igreja, as principais figuras eram André Rebouças, Gusmão Lobo e Joaquim Serra... A igreja fronteira era a de José do Patrocínio, Ferreira de Menezes, Vicente de Souza, e depois João Clapp com a Confederação Abolicionista. Se eu estivesse escrevendo neste momento um esboço do movimento abolicionista de 1879-1888 já teria citado Jerônimo Sodré, que foi quem pronunciou o fiat, e passaria a citar os meus companheiros de Câmara, Manoel Pedro, Corrêa Rabello, Barros Figueiredo, porque o movimento começou na Câmara em 1879, e não, como se tem dito, na "Gazeta da Tarde", de Ferreira de Menezes, que é de 1880. Nem na "Gazeta de Notícias", onde então José do Patrocínio, escrevendo a Semana Política, não fazia senão nos apoiar e ainda não adivinhava a sua missão. De certo que escravos já vinham trabalhando Luiz Gama e outros, mesmo antes da lei de 1871, como trabalharam todos os colaboradores dessa lei, mas o movimento abolicionista de 1879 a 1888 é um movimento que tem o seu eixo próprio, sua formação distinta, e cujo princípio, marcha, velocidade, são fáceis de verificar; é um sistema fluvial do qual se conhecem as nascentes, o volume d'água e valor de cada tributário, as cachoeiras, o estuário, e esse movimento começa fora de toda dúvida, com o pronunciamento de Jerônimo Sodré, em 1879, na Câmara.

Esse pronunciamento vem preparado, resolvido da Baía e rebeita na Câmara como uma manga d'água, repentinamente. Nada absolutamente o fazia suspeitar... Ao fiat de Jerônimo Sodré filia-se cronologicamente a minha atitude dias depois... Mais tarde é que entram Rebouças, Patrocínio, Gusmão Lobo, Menezes, Joaquim Serra... Isto, não é apurar a data dos primeiros escritos abolicionistas de cada um; os meus, por exemplo, datavam da Academia... E reivindicar para a Câmara, para o Parlamento a iniciativa que se lhe tem querido tirar nesta questão, dando-se-lhe ao elemento popular, republicano... É uma pura questão de datas; desde que se der a data certa a cada fato alegado, verificar-se-á o "autem genuit" acima... Reconheço que a minha inscrição vem na ordem do tempo depois da de Jerônimo Sodré... As outras, porém, vieram depois da minha... Foi o movimento popular talvez que incubiu o germe parlamentar, que o não deixou morrer nas sessões seguintes, mas que o

germe foi parlamentar, que o "liber generationis" começou em 1879 com Jerônimo Sodré, é o que se pode demonstrar com os próprios documentos, mesmo com aqueles em que se pretendia o contrário, uma vez que sejam autênticos... Não estou, porém, dando senão algumas impressões pessoais íntimas e por isso refiro-me a alguns nomes dentre muitos que entraram em qualquer resumo, por mais curto que fosse, do começo da propaganda... Os dois grupos de que falei, encontravam-se, trabalhavam juntos, misturavam-se, mas a linha divisória era sensível: um representava a ação política, o outro a revolucionária, ainda que cada um refletisse por vezes a influência do outro. Isso no tempo em que a ideia está sendo lançada, pois dentro de pouco o movimento torna-se geral, e então há o influxo das províncias, há o Ceará, o Amazonas, o Rio Grande do Sul, Pernambuco, a Baía, S. Paulo, que surgem como grandes focos de propaganda... O movimento abolicionista teve com efeito duas fases bem acentuadamente distintas: a primeira, que vai de 1879 a 1884, em que os abolicionistas combatem sós, entregues aos seus próprios recursos, e a segunda, que vai de 1884 a 1888, em que eles viram sua causa adotada sucessivamente pelos dois grandes partidos do país. Em 1884 teve lugar, pode-se dizer, a conversão do partido liberal e em 1888 a do partido conservador. A fase puramente abolicionista da campanha por oposição à fase política, que poderia entrar na história dos dois partidos rivais, foi a primeira.

De todos, aquele com quem mais intimamente vivi, com quem estabeleci uma verdadeira conjunção de sentimento, foi André Rebouças... Desse eu não poderia ainda hoje quase falar... E-me tão impossível resumir a ele em um traço como me seria impossível traçar a figura ou a forma de uma trajetória infinita... Do teu quarto no Hotel Bragança, em Petrópolis, onde durante anos notaste no teu diário a nossa pulsão comum, até o despendeirão do Funchal, que tinha a que descreveste, meu querido Rebouças! Poste o cortejo do "Alagôas"... Um republicano, a quem veio tocar o papel de discípulo amado do velho imperador banido... Foste um industrial, um engenheiro ousado e triunfante, e acabaste praticando o toloismo... Poste um gênio matemático, um sábio, que fizeste de tua ciência a serpentina do alambique em que de tudo distilávamos a abolição... Teu centro de gravidade foi verdadeiramente o sublime... E como não posso ainda falar de ti, vou dar ao que me leem, para que te conheçam, uma dessas provas rápidas, fotográficas, que sabias tirar de ti e nas quais os que viveram contigo veem tua fisionomia, apanhada em toda a sua fugidia mobilidade, com a sua inalterabilidade eterna... E ao acaso que tomo uma carta tua ao Imperador.

"Canas, 13 de maio de 1891. — Meu Mestre e meu Imperador... Não passará o 3.º aniversário da Libertação da Raza Africana no Brasil sem que André Rebouças dê novo testemunho de filial gratidão ao Martir sublimado da Abolição.

"Sinto-me feliz por ter sido acolhido pelo Bom Deus, para representar a devotação da Raza Africana a V. M. Imperial e a Princesa Redentora, e alegro-me repetindo o incessante."

"E hoje grato lembrar a "síntese da nossa vida", como meu Bom Mestre disse no "Alagôas", quando comemoramos seu 64.º aniversário.

"Princípios em Petrópolis, em

1850, há quarenta e um anos, examinando-me em aritmética, ainda menino de colégio, e continuo, quase quotidianamente, nas lições e nos exames das Escolas Militar, Central e de Aplicação na fortaleza da Praia Vermelha até dezembro de 1880.

"Os anos de 1861 e 1862 foram de estudos práticos de caminho de ferro e de portos de mar na Europa. A primeira Memória, escrita com o Antônio, datada de Marselha, em 9 de junho de 1861, foi dedicada, como de justiça, ao nosso Bom Mestre e Imperador... Quando Vossa Majestade encontrava meu Pai, suas primeiras palavras eram: — Como vão os negócios? — Onde está agora? — Recomende-lhes sempre que estudem e que trabalhem."

"Voltamos ao Brasil em fins de 1862, e encetamos a vida prática nos trabalhos militares de Santa Catarina, motivados pelo conflito Christie.

"A 28 de dezembro de 1863 separei-me, pela primeira vez, do meu irmão Antônio... Começa daí em diante o período industrial da minha vida...

"Vossa Majestade e meu Pai não queriam que eu tivesse outra orientação além da vida tranquila da Ciência e do Professorado; mas o Visconde de Ilhabela, que também me devotava afeição paternal, dizia: — André!... Quero que você suceda ao Mauá."

"Sabe Vossa Majestade quanto sofri da oligarquia política e da plutocracia escravocrata nessas afanosas tempos... Só tenho, hoje, deles uma consolação: — Protejei e construí as Docas de Pedro II, concebi e dirigi o caminho de ferro Comodoro e sua bela estação marítima do Cabedelo."

"Vossa Majestade gosta de recordar que, em Uruguiana, salvamos juntos, pelo nosso horror ao sangue, 7.000 paraguaios e centenas de brasileiros... Na atual antipatia ao militarismo, apenas lembro-me dos trabalhos de Itapirê e Tuiuti."

"Em 1880 começa a Propaganda Abolicionista. Nós tribunos ardentes, só tínhamos uma certeza e uma esperança: — O Imperador. Em 1871 havia Vossa Majestade concedido à filha predileta libertar o berge dos cativos com Paranhos, Visconde do Rio Branco."

"Em 1888 a iniciativa partiu d'Aquela, que não pode ver lágrimas, nem ouvir soluços de pobres, de infelizes e de escravos, no ardor santo de Martírio do Cristianismo Inicial; aspirando menos a glória na Terra do que anelando a benemerência no Céu, junto a Jesus, o Redentor dos Redentores."

"Enfim... Creio que podemos esperar tranquilos o juízo de Deus; porque havemos cumprido, sua grande Lei, trabalhando pelo Progresso da Humanidade."

"Agora, só tenho a dizer-lhe que desde 15 de novembro de 1889 perdi a linha divisória entre meu Pai e meu Mestre e Imperador, e que é, na maior efusão de amor, que me assino — Com todo o Coração — André Rebouças."

Ou o itinerário, que ele traçava para a fuga de escravos de S. Paulo para o Norte, pura fantasia, mas tão cheio para todos nós de vestígios de sua individualidade, de toques da sua sensibilidade inconfundível.

"CAMINHO DE FERRO SUBTERRÂNEO DO ALTO S. FRANCISCO AO CEARÁ" LIVRE

Estação inicial... S. Paulo; junto ao túmulo de Luiz Gama.

Segunda Estação... Pirassununga.

Terceira Estação... Cachoeira do Mogi-Guaçu.

Quarta Estação... Em pleno sertão, com ruído de Nordeste, o Sol deve amanhecer à direita e cair, à tarde, à esquerda.

Quinta Estação... Piumhi,

nascente do Rio S. Francisco, acompanhando sempre o beiro rio, abundante de peixes e de frutos deliciosos.

Sexta Estação... De um lado Goiás livre, do outro o sertão da Baía, onde não há "capitães do mato".

Sétima Estação... Na Vila da Barra, onde começam as grandes cachoeiras do S. Francisco.

Oitava Estação... No varadouro das águas do S. Francisco para as do Parnaíba.

Nona Estação... No Parnaíba — no Ceará Livre."

Eu pela minha parte acredito que Rebouças foi talvez dos homens nascidos no Brasil o único universal pelo espírito e pelo coração... Pelo espírito teremos lido alguns, pelo coração outros; pelo espírito e pelo coração juntos, somente ele. "Declarante ovação dos meus alunos, escrevia ele em 15 de maio de 1888 no seu "Diário". Anunciou o projeto de Triangulação Moral e Cadastral do Brasil. Voto de louvor pela congregação. Nova ovação. Carregado pelos alunos por todo o período. Da abolição ele foi o maior, não pela ação exterior, ou influência direta sobre o movimento, mas pela força e altura das projeções cerebrais, pela rotação vertiginosa de ideias e sensações em torno do eixo consumidor e candente, que era para ele a escravidão... Era uma fôrma cósmica, solar, a que ardia nele. Grande Rebouças, tu foste a agulha do nosso movimento! Se és visto no teu tempo como uma estrela de segunda grandeza, é porque estavas mais longe dele do que todos."

Outro com quem vivi até sua morte em grande aproximação de ideias, foi Joaquim Serra. Desde 1880 até a abolição ele não deixou passar um dia sem a sua linha... Minado por uma doença que não perdoa, salvava cada manhã o que bastasse de alegria para sorrir à espeda dos escravos, a qual via crescer dia por dia, durante esses dez anos como uma planta preciosa que ele mesmo tivesse feito nascer... Feita a abolição, desabrochada a flor, morria ele... Serra cumpriu a sua tarefa com uma constância e assiduidade a toda prova sem dar uma falta, e com o mais perfeito espírito de abnegação e de lealdade... Renunciando os primeiros lugares, ele mostrava, entretanto, de mais em mais uma agudeza de vista e uma clareza de expressão dignas de um verdadeiro leader. Em mesmo, que acreditava conhecer, foi surpreendido pela onada da sua manobra, quando uma vez ele prometeu a Cotegipe todo o nosso apoio, — nós respondíamos uns pelos outros... Se assumisse a direção do movimento, ao contrário de Rebouças, Serra era um espírito político mais acima do seu partido, do qual fora durante a oposição o mais servil dos auxiliares, colocava a nossa causa comum com uma sinceridade íntima que nunca foi suspeitada... "Passamento do grande Joaquim Serra, escreve Rebouças no seu "Diário", em 29 de outubro de 1888, companheiro de Academia em 1854 e de luta abolicionista de 1880-1888. O Publicista que mais escreveu contra os escravocratas!" "Ninguém fez mais do que ele, escrevia Gusmão Lobo por sua morte... e quem fez tanto...?"

Gusmão Lobo... E outro nome do nosso círculo interior... Alguns dos que combateram juntos sem descanso, durante os primeiros cinco anos da propaganda, os do ostracismo político e social da ideia, acreditaram sua tarefa, se não acabada, pelo menos grandemente aliviada no dia em que um grande partido, com os seus quadros, sua influência, seu eleitorado, sua imensa, adotou a causa de que eles eram

até então os únicos arautos... Entre esses está Gusmão Lobo, que não teria deixado a pena de combate, se não tivesse visto a bandeira que ela protegia passar triunfante das mãos dos agitadores para as mãos dos primeiros ministros. Na época decisiva do movimento, aquela em que se teve de criar e impulsionar e de torná-lo mais forte do que a resistência, isto é, em que se venceu virtualmente a campanha, os seus serviços foram inapreciáveis... Ele assinou enfim com a emancipação o "Jornal do Comércio", desde a coluna editorial, onde por toda espécie de habilidade, artífices e milícias, graças sempre a boa vontade do dr. Luiz de Castro, conseguia ter a nossa questão sempre em evidência... Seu talento de escritor, um dos mais belos, mais aereos, mais práticos, mais prismáticos, e mais espontâneos do seu tempo, era verdadeiramente inexaurível. Ele achava solução para tudo, tinha os expedientes e finanças, como tinha a plástica da expressão... Todo o seu trabalho foi anônimo e poderia assim passar despercebido de outra geração, se não restasse o testemunho unânime dos que trabalharam com ele... Foi um assombro a variedade dos papéis que ele desempenhou na imprensa, inculcável o valor da sua presença e conselho em nossas reuniões e depois no íntimo do gabinete Dantas. Seu nome está escrito por toda a parte, nas paredes das cabacinhas em que o abolicionismo viveu cinco anos como uma pequena laranja perseguida. E um dos enigmas do nosso tempo... enigma nacional, porque prende-se à questão do emparelhamento de toda a flor do país... como semelhante talento renunciou de repente a toda ambição...

Não quero fazer a galeria da abolição; mas, como dei, vindo pela saudade, dois ou três esboços de amigos, tenho que falar de José do Patrocínio... Este é o representante de espírito revolucionário que, com o espírito liberal e o espírito de governo, fez a abolição, mas que foi mais forte do que eles, os absorveu e dominou... Sem o espírito governamental, de homens como Dantas e João Alfredo, não se teria chegado pacificamente ao fim, nem teria sido; sem o espírito humanitário, extremo de ódios e de tendências políticas, a abolição teria degenerado em uma guerra de raças ou em um encontro de facções; sem o trabalho variado, inapreciável, de cada um dos grandes fatores provinciais, que conservaram sua autonomia histórica, como o do Ceará, o do Amazonas, o de S. Paulo, o de Pernambuco, o resultado teria sido diferente e talvez funesto. O que Patrocínio, porém, representa é o *salutem*, é o interesse do movimento... Ele é uma mistura de Spartaco e de Camille Desmoulins... Os que lutavam somente contra a escravidão eram como os liberais de 1789, da raça dos gegos de boa vontade, ou voluntários, que as revoluções empregam para não abrirem a primeira brecha... Patrocínio é a própria revolução. Se o abolicionismo no dia seguinte ao seu triunfo se desfez e logo depois uma parte dele se aliou à grande propriedade contra a dinastia que tinha indolência aos sacrifícios, foi o espírito que mais progrediu o espírito que agitou e revolveu o gênio revolucionário que a sociedade abalada tinha de escapar pela sua primeira fúria. A fôrça, e também a fraqueza de Patrocínio, é que teve mais feio em seu talento, que em tudo mais: força, porque realmente vivamos em uma época em que esse talento poderia tudo derribar; fraqueza, porque para um talento tão dotado com o poder, o impre-

sobre o movimento abolicionista - Joaquim Nabuco

...o capricho do furacão, sem proprios ideais e sem, proprias, colinas de areia, que levanta para logo desastar. Mas, porém, foi a expressão da sua época; em certo sentido a figura representativa dela.

CHARACTER DO MOVIMENTO — A PARTE DA DINASTIA

A abolição teria sido uma obra de outro alcance se tivesse sido feita do altar, pregada do pulvito, prosseguida de geruação em geruação pelo clero e pelos educadores da consciência. Entretanto o espirito revolucionário teve que executar em poucos anos uma tarefa que havia sido negligenciada durante um século. Uma grande reforma social quer, para ser agradável a Deus, que a alma do povo operário seja purificada em primeiro lugar. São essas as promessas que ele disputa e que lhe oferecem. A diferença a fazer, mesmo para as empresas mais belas e mais belas, se os lavamos por diante com o espírito de verdadeira caridade, e não se não empregamos para não esta espécie de estúpida pessoal a que em moral se chama amor da humanidade. O reformador não vem, simplesmente só para a ideia de justiça que a sua ideia de justiça, mas também pelo amor da caridade que insinua a caridade. A política é a arte de preparar as sementes; a religião, a de lhes preparar o terreno.

O movimento contra a escravidão no Brasil foi um movimento de caráter humanitário e moral, antes que religioso; mas teve por isso a profundidade moral da corrente que se formou, por exemplo, entre os abolicionistas da Nova Inglaterra. Era um partido composto de elementos heterogêneos, capazes de destruir um estado social levantado sobre o privilégio e a injustiça, mas não de projetar sobre outras bases o seguinte edifício. A realização da sua obra parava assim naturalmente na agressão do cativo, seu triunfo podia ser seguido, e a obra de ventos políticos, a de revoluções, mas não de meditação social complementar em benefício dos libertos, nem de um grande impulso moral, da renovação da consciência pública, da expansão dos nobres instintos opostos. A liberdade por si só é fecunda, e sobre os desastros da escravidão reflete com o tempo uma sociedade mais unida, de idéias mais largas, e é possível que ela promova seus criadores aqueles que não tiveram mais do que interromper a opressão que sofriam os antigos nascimentos, os gemidos que aninham no Brasil o aparecer de uma nova sociedade social. A verdade, porém, é que a correção abolicionista nasceu no dia mesmo da abolição, e no dia seguinte refusa.

Durante a campanha abolicionista, em uma das eleições em que fui candidato, um escravo, que parecia feliz, suicidou-se em uma fazenda de Cantagalo. Contou-me uma jovem senhora da família, anos depois, que perguntado por que fora isso, se tinha alguma doença, ele respondera ao senhor que não, que se matara porque eu não tinha sido eleito deputado. ... Tenho a convicção que a raça negra por um plebiscito sincero e verdadeiro teria desistido de sua liberdade para poupar o menor desgosto a que se interessavam por ela, e que no fundo, quando ela pensa no 15 de novembro, lamenta ainda um pouco aos 13 de maio. Não se poderia estar em contacto com tanta generosidade e dedicação sem lhe ter um pouco adquirido a marca. Desde a dinastia, que tinha um

trono a oferecer, ninguém que tenha tomado parte em sua libertação, o sentira nunca. Não se lastima a emancipação de uma raça, a transformação imediata do destino de um milhão e meio de vidas humanas com todas as perspectivas que a liberdade abre diante das gerações futuras. Não há raças ingratas. "Senhor Rebouças, dizia a Princesa Imperial, a bordo do "Alagoas", que os levava para o exílio, se houvesse ainda escravos no Brasil, nós voltaríamos para libertá-los".

Ah! de certo o trono caiu e muita coisa seguiu-se que me podia fazer pensar, hoje, com algum trazo desses anos de perfeita ilusão... mas não; devia ser assim mesmo. As consequências, os desvios, as aberrações estranhas e alheias não alteram a perfeita beleza de uma obra completa, não destroem mais o ritmo de um ciclo encerrado. ... No dia em que a Princesa Imperial se decidiu ao seu grande golpe de humanidade sabia tudo o que atirava. A raça que ia libertar não tinha para lhe dar senão o seu sangue, e ela não o queria nunca para cimentar o trono de seu filho. ... A classe proprietária ameaçava passar-se toda para a República, seu pai parecia estar moribundo em Milão, era provável a mudança de reinado durante a crise, e ela não hesitou; uma voz interior disse-lhe que desempenhasse sua missão, a voz divina que se faz ouvir sempre que um grande dever tem que ser cumprido ou um grande sacrifício que se aceite. Se a monarquia pudesse sobreviver à abolição, esta seria o seu apogeu; se sucumbisse, seria o seu testamento. Quando se tem, sobretudo, uma mulher, a faculdade de fazer um grande bem universal, como era a emancipação, não se deve parar diante de pressões; o dever é entregar-se inteiramente nas mãos de Deus. E quem sabe... A impressão quando se olha da altura da posteridade, da história, é que o papel nacional da dinastia tinha sido pelo de mais para durar ininterruptamente. ... Não há tão extensos espaços de felicidade nas coisas humanas; o auro prolongando-se traria a queda das coisas. Essa dinastia teve só três nomes. O fundador fez a independência do jovem país americano, desintegrando a velha monarquia europeia, de que era herdeiro; seu filho encontra os quinze anos o Império enfraquecido pela anarquia, rasgando-se pela ponta do Rio Grande, e funda a unidade nacional sobre tão fortes bases que a guerra do Paraguai, experimentando-a, deixou-a à prova de qualquer pressão interna ou externa, e fê-lo sem tocar nas liberdades políticas que durante cinquenta anos são para ele um *noti me tangere*. ... Por último sua filha renuncia virtualmente o trono para apressar a libertação dos últimos escravos. ... Cada reinado, contando a última regência da Princesa como um embrião de reinado, é uma nova coroação nacional: o primeiro, a do Estado; o segundo, a da Nação; o terceiro, a do Povo. ... A coluna assim está perfeita e igual: a base, o fuste, o capitel. A tendência do meu espírito é colocar-se no ponto de vista definitivo. ... Desse o 15 de novembro não é uma queda, é uma assunção. ... É a ordem do Destino para que a dinastia brasileira fosse arrebatada, antes de começar o seu declínio, antes de correr o risco de renegar a sua tradição.

De certo o exílio do Imperador foi triste, mas também foi o que deu à sua figura a majestade que a reveste. ... Não há assim nada que me faça olhar para a fase em que milita na política com outro sentimento que não seja o de uma perfeita gratidão. ... Não devo à dinastia nenhuma reparação; não

lhe arrei uma cilada; na humilde parte que me coube, o que fiz foi acenar-lhe com a glória, com a imortalidade, com a perfeição do seu traço na história. ... Ninguém pode afirmar que desprezando a abolição ela se teria mantido, ou que não teria degenerado. ... A abolição em todo o caso era o seu dever, e ela recolheu a glória do ato; nos deu gratidão. ... Gratidão infinita, pelo 13 de maio, isso sim, lhe devo e cerevi sempre; nunca, reparação do dano que não causei. ... A sorte da nossa monarquia não terá sido quando muito senão um desses golpes na aparência imerecidos, que formam o grande exemplo do mundo moral. ... É esse o processo comum da Providência, contra o qual se revoltam os que querem governar, eles mesmos, o mundo, mas que é o meio mais eficaz para chamar a ela os espíritos humildes. O bem nunca pode produzir o mal, fizemos certos; o que pode, sim, é ser a ocasião do castigo divino. Isto é, do resgate pela expiação.

A MINHA DIVIDA

Ah! o que eu recebi nesses anos de luta pelos escravos! Como os sacrificios que por vezes inspirei eram maiores que os meus! Eu tinha a fama, a palavra, a carreira política. ... E certo que não tive outras recompensas, mas essas eram as mais belas para um moço, nesse tempo ávido de nomeada e de emoções do triunfo. Era o meu nome que saía vencedor das urnas numa dessas eleições que eletrizavam os espíritos liberais de todo o país, que faziam chorar os telegrafos das províncias, que me traziam de longe as bênçãos dos velhos *quakers* da Anti-Slavery Society, ou as votos de Gladstone. ... Aqueles, porém, que concorreram para essa vitória desapareceram na lista anônima dos esquecidos. ... Seus nomes, mesmo os principais, não ecoavam fora da província. ... So, dentre eles, José Mariano era conhecido de todo o país e reputado o árbitro eleitoral do Recife. Quem conhecia, porém, a Antonio Carlos Ferreira da Silva, então simples guarda-livros em uma casa do Recife, que no entanto fez todas essas minhas eleições? A verdade é que foi ele o espírito que movia tudo em meu favor; sem ele tudo teria corrido em outra direção. ... Essa é a minha prova do caráter espontâneo, natural, popular, das minhas eleições do Recife, o ter bastado para fazê-las um homem como ele, sincero, dedicado, inteligente, leal, habi, todo coração e entusiasmo sob uma máscara de frieza e misantropia, mas sem posição, sem fortuna, sem status político, sem ligação de partido, simples abolicionista, nunca aparecendo em público, e alem do mais republicano confesso. ... Essa circunstância só por si mostra bem a sinceridade, a humildade, a ingenuidade de todo esse movimento de 1884-1888. Esse foi o meu paranoíco. ... Os muitos que trouxeram o seu valioso concurso para o sucesso da causa comum, ou para meu triunfo pessoal, como aconteceu com tantos, compreenderão o meu sentimento quando ainda uma vez revelo o segredo da minha relação com o Recife e digo que Antonio Carlos, que nada era e nada quis ser, foi o verdadeiro autor dela. ... Eu não esqueço ninguém, a começar por Dantas, que me fez quase forçadamente seguir para o Norte a pleitear um dos distritos da província; não esqueço de certo o dr. Emílio Coutinho e o dr. Joaquim Francisco Cavalcanti, de cuja dupla renúncia resultou a minha inesperada eleição pelo 5.º distrito uma semana depois de haver a Câmara anulado o meu diploma pelo 1.º, passe eleitoral que surpreendeu

a todos na Câmara e em que Antonio Carlos foi grandemente ajudado pelo seu amigo dr. Coimbra; também não esqueço José Mariano, cuja lealdade para comigo foi perfeita em circunstâncias que poriam à prova a emulação e a susceptibilidade, de outro espírito, valioso ou capaz de inveja e de ciúmes nem a suave, angelical visão da sua meiga e amorosa d. Olegária, tão cedo esvaecida, a qual nas vésperas da minha eleição contra Portela, que José Mariano fizera dele, fez empenhar joias suas para as despesas da eleição, o que só vim a saber no dia seguinte quando o partido as resgatou e lheas foi levar. ... Não esqueço ninguém, nenhum dos chefes e enturdeiros liberais. Costa Ribeiro, João Teixeira, Barros Rego, Silva da Madalena, Faustino de Brito, as Rochas do Peres. ... Ah! não seria preciso citar com duzentos, ... nenhum também desse grupo de abolicionistas, que me receberam com Antonio Carlos: Barros Sobrinho, João Ramos, Gomes de Matos, João Barbalho, Numa Pompílio, João d. Oliveira, Martins Junior, todos eles; não esqueço os brilhantes artigos de tantos jornalistas distintos, não esqueço Maciel Pinheiro, o amigo de Castro Alves, austero, rutilante, genial.

E são essas somente as primeiros nomes que me vieram à pena. Outros, muitos outros, estão igualmente presentes ao meu espírito. Mas a verdade é que foi Antonio Carlos que enfeixou em suas mãos todas as simpatias que vinham a mim por motivo da abolição e usou delas e as soube aproveitar para levar-me à Câmara, uma, duas, três, quatro vezes, com a sua multiplicidade e inventividade de recursos, ao mesmo tempo que segurança de cálculo. ... Que traco, repito, mais significativo se podia dar da espontaneidade, da naturalidade do movimento popular do que este: que a mão humilde e encoberda de um jovem e modesto contador de livros bastava para o dirigir? ...

Essas eleições do Recife de 1884 a 1887, — a de 1889, posso dizer, feita a abolição, não me interessava mais, — pusei-me em contacto direto com a parte mais necessitada da população e tive em mais de uma casa de pobre uma legião de coisas tão pungente quanto sugestiva sobre o desinteresse dos que nada possuem. Eu visitava os eleitores, de casa em casa, buscando em algumas ruas a todas as portas. ... A pobreza de algumas dessas interiores e a intensidade da religião política alimentada neles fez-me por vezes desistir de ir mais longe. ... Doia ver o quanto custava a essa gente crê-la a sua devoção política. Diversos desses episódios gravaram-se-me no coração. Uma vez, por exemplo, entrei na casa de um operário, empregado em um dos Arsenal, para pedir-lhe o voto. Chamava-se Jarama, mas só tinha de terrível o nome. Estava pronto a votar por mim, tinha simpatia pela causa, disse-me ele; mas se votasse, era demitido, perdia o pão. ... havia-se de saber, tinha recebido a *chapa de calção* (uma cédula marcada com um segundo nome, que servia de sinal), e se ela não aparecesse na urna, sua sorte seria humilhada no mesmo instante. "Oh, sr. doutor", me disse ele, mostrando-me quatro pequenos, que me olhavam com indiferença, de que se tratava deles mesmos, de quem no dia seguinte lhes daria de comer. ... E depois, voltando-se para uma criança, deitada sobre os buracos de um antigo canapé desmontado: "Ainda em cima, minha mulher há dois meses achou essa criança diante da nossa porta, quase morrendo de fome, roída pelas for-

migas, e hoje é mais um filho que temos!" "No entanto estou pronto a votar pelo senhor, recomencia a ele, cedendo a sua tentação liberal, se o senhor me trouxer um pedido do brigadeiro Floriano Peixoto". Esse era então talvez o único Florianista do país. ... "Pode vir por telegrama... Ele está no engenho, nas Alagoas. ... E o que ele me pedir, custe o que custar, eu não deixo de fazer". Telegrafe a ele. ... "Não, não é preciso, respondi-lhe, vote como quer o governo, não deixe de levar a sua *chapa de calção*. ... não atraique a fome toda essa genteinha que está me olhando. ... Ha de vir tempo em que o senhor poderá votar por mim livremente; até lá, e como se o tivesse feito. ... Não devo dar-lhe um pretexto para fazer o que quer, invocando a intervenção do seu protetor. ... E sai, instando com a mulher, com medo que ela se arrependesse e fosse votar em mim.

Em outras casas o chefe da família estava sem emprego havia anos por causa de um voto dado ao partido da oposição; a pobreza era completa, quase a miséria, mas todos ali tinham o orgulho de sofrer por sua lealdade ao partido. ... E como entre liberais, entre conservadores, eram coerentes na miséria, na privação de tudo. ... Esse espetáculo seria de certo animador no mais alto grau para o otimista desinteressado, que julgaria ter descoberto o refugio da natureza humana escondida, mas para o candidato, de cuja causa se tratava, era terrivelmente pungente surpresa assim a agonia da virtude, da honra, da dignidade. ... Posso dizer, quanto a mim, eu não teria ousado ser mais um dia pretendente a um posto que custava tanto sofrimento, se não fosse para servir a causa de outros ainda mais infelizes do que essas vítimas da altivez do pobre, da paixão e ilusão política do povo. Hoje, quem sabe, eu não teria talvez, em nenhum caso a força, a coragem de inaniar aos bons, não crédulos, aos ingênuos sacrificios pessoais dessa ordem em favor de uma causa que não fosse diretamente deles. Para com todos o que fiz com o bom Jarama; aconselharia que não sacrificassem os seus. ... Mas a luta pela justiça é isso mesmo, é o sacrifício de gerações inteiras pelo direito às vezes de um só, para resgatar a injustiça feita a um único oprimido. ... De certo, não tenho remorsos nem me arrependo. ... Passionalmente nenhum lucro tirei de todas as abnegações que eram a mim; não capitalizei o sofrimento de tantos desinteressados. ... Consola-me nada ter tirado da abolição, senão o gozo de algumas impressões de tribuna e de nomeada que foram apenas uma expansão como qualquer outra da mocidade. ... Graças a Deus, favor este inestimável, nenhum lucro material, direto ou indireto, me resultou nunca das idéias que me seduziram e com as quais seduzi a outros. ...

Mas, como dizia, o que recebi foi incalculável. ... Se Deus mesmo, que vê os sofrimentos que se escondem e cujo orgulho é passar-se invisíveis no meio da multidão, pode fazer tal conta. Também essa é a solda que não se desprende mais. ... Sou um cativo do Recife pelo que lhe mereci e não pude resgatar. Quem o poderia? Ninguém que não tenha feito a volta da velha cidade, de casa em casa, durante a campanha da abolição, pode avaliar o que custou aqueles bairros de população densa, vivendo na mais completa destituição de tudo, o acolhimento que me deram. Para chegar à Câmara tive os ombros dos que não tinham de seu sendo o tra-

(Continua na página 54)

Uma visita a Massangana - MÚCIO LEÃO

Opiniões sobre Joaquim Nabuco

OPINIÃO DE RONALD DE CARVALHO

Joaquim Nabuco era, por temperamento e educação, um idealista combativo, um esportista progressista e liberal, na política, mas clássico e conservador na literatura. Há no seu temperamento de escritor um ponto do ceticismo risonho de Renan e um acentuado movimento de humanismo, bebido na cultura greco-romana. Seu pensamento se reveste sempre de uma doçura satisfeita e de uma discreção amável e polida a que uma ironia ligeira e penetrante se mistura. Os homens, para Nabuco, tinham apenas a realidade que o seu espírito lhes emprestava. Eram máscaras de que ele geralmente se servia para mostrar as suas qualidades de pensador sutil e vigoroso, amigo dos raciocínios calmos e ponderados, limpos e lógicos.

(Pequena História da Literatura, pag. 330).

O nome de Massangana tem uma poesia estranha para todos os que, no Brasil, amam a grande figura de Joaquim Nabuco. Foi o engenho onde o apóstolo da Abolição viveu os seus primeiros anos. E é a esse engenho que ele dedica algumas de suas páginas mais memoráveis e mais doces, nesse doce e comovente livro que é a "Minha Formação".

— Os primeiros oito anos da vida foram, assim, em certo sentido, os de minha formação, instituída ou moral, definitivamente. Passei esse período inicial, tão remoto, porém mais presente do que qualquer outro, em um engenho de Pernambuco, minha província natal. A terra era uma das mais vastas e pitorescas da zona do Caatinga. Nunca se me retirou da vista esse pano de fundo, que representou os últimos longes de minha vida...

— Emerson quisera que a educação da criança começasse com anos antes dela nascer. A minha educação religiosa obedecia certamente a essa regra. Eu sou a ideia de Deus no mais afastado de mim mesmo, como o sinal amante e querido de diversas gerações. Nessa parte, a série não foi interrompida. Há evidências que postula de quebrar todos os seus cadeias e, de preferência, as que outros tivessem criado para elas; eu, porém, seria incapaz de quebrar inteiramente a menor das correntes que alguma vez me prendeu. O que faz que suportei catividades contrárias, e menos do que as outras uma que me tivesse sido deixada como herança. Foi na pequena capela de Massangana, que fiquei unido à minha...

— "Mês e meio depois da morte de minha madrinha, eu deixava assim, o meu paraíso perdido, mas pertencendo-lhe para sempre. Foi ali que eu casei, com as minhas pequenas mãos ignorantes, esse pouco da infância, insondável na sua pequenez, que refreia o deserto da vida e faz dela para sempre, em certas horas, um oásis sedutor...

— "As portas adquiridas do meu ser, o que deu a este ou àquele, não de dispersar-se em direções diferentes: o que, porém, recebi diretamente de Deus, o verdadeiro eu sadio das suas mãos, este ficará preso ao canto da terra onde repousa aquela que me iniciou na vida...

— Massangana ficou sendo o sede do meu oráculo íntimo: para impelir-me, para deter-me e, sendo preciso, para resgatar-me, a voz, o frémito sagrado viria sempre de lá...

— "Tornei a visitar, doze anos depois a capelinha de São Mateus, onde minha madrinha, dona Ana Rosa Falcão de Carvalho, jaz na parede do lado do altar".

E assim, com esses acentos de ternura extrema, que ele se refere a "Massangana", através de um capítulo que constitui um dos trechos mais belos e mais emotivos da língua portuguesa.

Foi ali, no terraço da casa grande de Massangana, que Nabuco, criança, teve pela primeira vez, conforme ele próprio refere, o contacto com os misérrimos atrozes da escravidão. Estava sentado em sua cadeira, quando aos seus pés se precipitou um negro fugido. Era um infeliz escravo, torturado por senhor brutal, que ia pedir à criança a misericórdia de levar-lhe das acotchas. Desde esse dia, estava feita a mentalidade de Nabuco — e começava o aprendizado para as grandes horas da luta, das quais, em 13 de maio de 1888, ele ia sair tão maravilhosamente vitorioso.

O Massangana, somente por isso, é digno da veneração de todos os brasileiros.

O MASSANGANA ATUAL
Ora, viajando pelo interior de Pernambuco, um homem que guarde algum carinho pela memória do campeão da Abolição não poderá deixar de visitar Massangana. E nós quisemos fazer essa peregrinação piedosa.

O Massangana pertence hoje a uma usina, sob a firma de Bryan Irmãos e Cia. Vinhamos de Serinhagem, de Rio Formoso e de Ipojuca, regiões em que existem alguns dos engenhos mais belos do Estado, e finalmente recomendamos ao chauffeur do auto que nos levava que não deixasse de nos advertir, quando chegássemos ao Massangana. Em certo momento, o auto parou a meio da estrada, de frente de uma porteira de paus quase carcomidas.

— Massangana é ali, disseram o "chauffeur", apontando para umas construções que alvejavam a alguma distância.

— Não há estrada que conduza até lá?

— Para automóvel não há, não, senhor. Só para a gente, há.

Deixamos o carro, e caminhamos para o engenho de Nabuco.

Ali, ó desolador! encontramos quase uma ruína. Com as preocupações dos lucros industriais, os usineiros de Pernambuco esqueceram que devem um pouco de carinho ao que é tradição e poesia.

O engenho onde Nabuco viveu, e onde ia assistir ao trabalho dos negros, não existe mais: foi derrubado há anos. No lugar onde ele outrora se erguia e onde Nabuco brincava, pastam hoje tristes vacas e saltam cobritos.

A paisagem parece ter-se contaminado de uma tristeza semelhante. E o novo rendeiro do engenho, o sr. Luiz Caetano, que ali está há menos de um ano, só lentamente pode ir procurando reconstituir certos aspectos perdidos da propriedade.

Pomo-nos a examinar tudo o que existia em Massangana, tudo o que constituía o encanto dos oito anos de Nabuco. A casa grande também não é mais o

que era, quando Nabuco ali morou. Foi derrubada e, para substituí-la, levantaram outra. O local não é mais o mesmo, e a arquitetura é diferente. Ao lado da porta do centro, leem-se estas palavras:

"Paulino Pires Falcão mandou edificar em 1870".

A casa, consta de largas e amplíssimas peças desertas. A frente tem um vasto terraço de tijolos, coberto de zinco. Esse terraço é copia do da casa em que Nabuco viveu.

Na frente da casa, duas estátuas mitológicas. A bem dizer, apenas uma; e esta mesma já toda carcomida, ameaçando próxima ruína. A outra, que adiutamos ler sido Apolo ou Flora, já foi destruída. Está deitada ao solo, quebrada.

A CAPELA

Uma curiosidade maior, porém, nos mostra no Massangana. Era ver a capela de S. Mateus, aquela da qual Nabuco dizia coisas tão encantadoras.

A capela ergue-se ao lado esquerdo da casa. Há uma estrada, que segue em direção a um outeiro. Lá em cima, a alguns metros de distância, vê-se a pequena torre.

E' triste dizer-se — mas a capela, quase histórica, em que Nabuco deixou que os sentimentos católicos se aninhassem tão profundamente em sua alma, quase não existe mais! Os alicerces estão ameaçando cair a todos os instantes. A base do altar-mor é uma formidável fonte de moerços. Disse-nos o sr. Luiz Caetano que e influi destruí-los porque cada moerço, que morre se multiplica em centenas de outros. O coro não pode mais ser alcançado. Está com as tábuas inteiramente podres. E se algum aventureiro mais ousar onçar por os pés, na escada para vencê-la — é certo que cairá sob um montão de podridões...

Isso, aliás, é fácil de corrigir, pois que Pernambuco possui hoje uma repartição encarregada de cuidar pelos monumen-

tos históricos, repartição brilhantemente dirigida pelo sr. Aníbal Fernandes. Entra no pensamento do diretor desses serviços interceder junto à usina, hoje proprietária do "Massangana", no sentido de proteger a igreja de São Mateus.

UM CREPÚSCULO EM MASSANGANA

Quando deixamos o engenho tão querido a Nabuco, começamos a cair as primeiras sombras da noite. Lembremo-nos, então, que era aquela uma das horas que Nabuco mais se aprazava em recordar, uma daquelas que ele, com mais poesia e união, descreveu, falando sobre o seu engenho. Uma doçura balsâmica, lentamente espalhava-se sobre a paisagem próxima e sobre os morros distantes. Um perfume vago, de flores silvestres, começava a soprar. O dia, que tinha sido quente, ia-se tornando suavíssimo.

Um pensamento melancólico invadiu-nos, então... Ficamos a pensar no abandono desolado, na ruína em que se encontram o engenho, a casa, a igreja em que um dos maiores brasileiros formou e subtraiu de sua alma, a sua sensibilidade, a sua generosa fibra de campeão pela liberdade de um povo. E nos pusemos a imaginar o que seria o Massangana — se nós fôssemos os Estados Unidos... Calcule-se o que não teria recebido de carinho, de cuidado, de amor, a propriedade rural em que um Washington, um Lincoln tivessem pela primeira vez tido o contacto com o mundo, com os homens e com as coisas! Calcule-se que museus magníficos, encerrando tudo o que dissesse respeito a esses grandes homens, não seriam ali tais propriedades!...

Aqui... é o que nós acabávamos de ver...

Não! Positivamente não vote a pena ser-se grande homem no Brasil!"

("A Província" de Pernambuco, 23-7-1930).



Ao centro Joaquim Nabuco, tendo ao lado direito Graça Aranha e ao esquerdo Oliveira Lima. Àtrás, de pé, Sílvia Gurgel do Amaral e Domício da Gama

PENSAMENTOS DE JOAQUIM NABUCO

Le mort des illusions agit les sources du génie comme la destruction des forêts sur celles des fleuves (P. 240).

L'humanité de l'avenir ressemblera aux plantes sans racines, ou bien elle aura des racines néennes (P. 241).

On ne peut rien faire de grand, si on tient à plaire aux scélérats et aux indifférents (P. 252).

Croire, c'est se donner entièrement (P. 7).

Le mystère ne retrecit pas l'horizon, il l'élargit (P. 30).

À la fin de tout, si Dieu n'existe pas, la religion n'est qu'un rôle, si possible encore plus beau, car elle en aurait tenu lieu (P. 49).

Précis, quand vous composez, il y a des sons au clavier humain que seul Dieu peut tirer (P. 57).

Le vrai chrétien ne devrait frapper personne, de peur d'en blesser l'ange gardien (P. 85).

(De Pensées détachées).

Pensamentos soltos de Nabuco — D. Milano

Um livro de pensamentos é sempre o verdadeiro retrato de um autor, muito mais que uma autobiografia. E' o único retrato em que se pode ver tudo o que na personalidade humana existe de eterno, mistico e ás vezes inconsciente. Os pensamentos que se expressam para esconder outros que não se confessam, são a verdadeira caracteristica do processo mental, pois o homem luta consigo mesmo, ao debater os problemas que o preocupam.

O "Serfido" de Da Vinci são, sob esse ponto de vista, muito mais importantes que o seu "auto-retrato", embora sejam uma especie de fotografia rasgada em pedacos que havemos de recompor.

Não tendo conhecido Nabuco, vejo-o aqui, presente em seus pensamentos.

Os homens são seres abstratos. Sua cabeca, suas ideias, funcionam normalmente com uma quase completa exclusão do mundo exterior. Trata-se, realmente de um ser lúscuro. Quando pensa, ou trabalha, ou age, o alma, está esquecida de seu corpo, que é como se não existisse sinão em relação as ideias a que obedece. E' como se não existisse realmente, mas somente reflectisse as imagens da existência. O homem é um "crystal que reflete", mais que um "canico pensante"; suas

facetas reflectem as imagens mais contraditórias na sua multiplicidade, as ideias mais variadas e complexas, pois estas não pertencem ao individuo, mas á propria natureza metafísica de todos os homens; e o que valoriza o pensamento não são as ideias esparsas que ele recolhe, mas a qualidade do cristal em cuja transparência elas se veem reflectir, desenharem, exprimir-se, pois as ideias só existem depois de tomar forma representativa, q u a s e imagem.

Pode parecer que estou tomando ares de filosofo, de pensador; ao contrario, estou recusando a responsabilidade das ideias, e tomando a das imagens, como a simples artista. Isso não me impede, entretanto, de crer que o homem seja um conjunto de ideias inexpressas, ou expressas, ou mesmo mal expressas, — exceto quando está dormindo e ainda aí sob a condição de não estar sonhando.

Onde está, pois, a consciência do Homem? No seu cerebro abstrato; nos momentos em que está pensando, atento em si mesmo ou, o que dá na mesma, abstraído do tudo. E' o concreto abstrato.

Vejam os sob que formas se apresenta a nossa: elhos aquele que na vida foi o individuo Joaquim Nabuco e agora continua a exprimir-se por inter-

médio de ideias figuradas em caracteres graficos.

Quero antes dizer que o que mais me agrada neste livro de Nabuco é a especie de literatura que ele aborda; não um compendio de metafísica, a maneira escolástica, para fazer jus ao titulo de doutor em filosofia, mas um atento dialogo entre o homem e sua sombra, e daí a simples, pura e eficaz filosofia da vida. Não ter medo de pensar. Esse ato a que se costuma attribuir tamanha sublimidade, precisa ser visto com mais naturalidade; não é alto que o homem tem cerebro; e para pensar. Ainda que pense errado. Mas pense. Pense, sem receio de riso dos satiricos, porque nesse riso não há nenhum pensamento serio, por mais auto-suficiente que pareça, e no fundo é alvar, como tudo riso sem causa. Nem tema ser taxado de introvertido pelos exuberantes.

E' muito mais útil o homem dialogar com a sua sombra que com o seu proximo. Aprende muito mais; é uma lição sem validade, em que não se vence numa discussão, mas se debatem os proprios problemas.

No Brasil, poucas obras de pensamento existem.

O brasileiro, tão bem dotado de nascença, quando começa a cultivar-se, a tornar-se literato, deixa de pensar com justeza e passa a expressar-se com so-

noridade. Ao mesmo tempo um falso receio do publico o leva a evitar expor suas ideias, quando não chega mesmo a evita-las, sotstando vagamente as da epoca, que lhe garantem o sucesso.

E' claro que ha excessos, e desses talvez Nabuco seja a maior. Agradeço a esse autor o ter-me ajudado, ao expor suas ideias, a solver meus proprios problemas intimos, que são os mesmos que os dele e os de todos os homens que não fogem de si mesmos e amam sestar a fresca da sombra interior.

Essa força coescente parece ter dado a Nabuco três fontes de felicidade intima: a gloria de viver, a gloria de pensar, a gloria de dizer. Admiremos o Autor absorvido em suas três glorias, transcendendo alguns dos seus pensamentos:

"Para certos espiritos, so pode haver duas ocupações: amar ou pensar."

"Em essencia a poesia é a apreensão de certo desamorizao do amor; em todo sentimento poetico, ha uma aspiração ou uma saudade amorosa. Pode ser definida como o derradeiro e o mais misterioso elo de um sexo a outro."

"A grande superioridade das naturas castas e terem sido criadas completas."

"A vida, fia a outrora pelas Parede e bordada pelas Fadas,

hoje em dia é tecida a malquina."

"Ha dias em que venho a descoberto a urldura de tempo."

"Daí sem temor á religião, esse belo nome de "preconito", concebido de antemão. Daí também sem receio ao sentimento de patria. Daí o amor verdadeiro e genuino de si, que precede a razão e guia a análise."

"O misterio não estrea a horizonte. Dilata-o."

"Nunca busquei o prazer, mento; nunca pensei no vazio."

"Não procure a elegancia de. Ela acompanha, o mas das vezes, inteligências medíocres. So tem direito de ser original quem não procura se-lo."

"Será legitimo o regime raciocinio; "Tudo que em poesia pensar, ou merece ser dito, e então já outros o disseram, ou nunca foi dito, e portanto não vale a pena que eu diga?"

"Não é possível exprimir não lados do pensamento o pensamento, em seu contido, refira-se, mal perece que o querem prender."

"O pensamento eleva e triste e solitário; o gozo de pensar está na arte de dar finalmente."

"O pensamento que nos atravesa o cerebro pertence nos tão pouco quanto o relapso pertence á nuvem que ele namina."

ALGUMAS PAGINAS DE MINHA FORMAÇÃO SOBRE O MOVIMENTO ABOLICIONISTA

(Continuação da página 51)

Baixo de suas mãos e que se arrastavam, carregados de fumaça, a ver tecer as linhas do dia seguinte a oficina, a serem depurados depois de me terem dado o voto... O que me ficou de todo esse episodio, o unico de minha carreira publica, é um sentimento acalunhado de fadecia... Meu unico alivo e a gratidão. O passivo e incalculavel... Foram milhares os que me agradeceram tudo que tinham, isto é, como nada tinham, o que eram, o que podiam ter, e posso dizer que a acendi em nome dos escravos. Muitos ter-se-ao levantado outra vez e seguido seu caminho pelas novas estradas abertas desde então, mas que todas parecem conduzir a mesma miragem que abraça o horizonte. Terão ido, ou irão indo, contando de illusões de desprendimento em desprendimento, de lealdade em lealdade. Não importa. O fato para mim dominante é que em um momento da minha vida pedi e aceitei o sacrificio absoluto de muitos pela causa que eu defendia... De certo foi a mais nobre, a mais augusta das causas; mas o fato é que eu era ali o representante dela, que em grande parte a dedicava, o sacrificava por mim, como era meu o tributo, minha a carreira, meu o futuro politico... Foi enorme essa divida; mas minha esperança está no grande pagador, em Deus. "Perdoai-nos as nossas dividas, assim como nos perdoamos aos nossos devedores". E' essa a contabilidade divina, a unica, a verdadeira contabilidade moral. Ele paga a divida de A a B com o que B deve a C, ou na falta de crédito de A e de divida de B com o que D deve a E. Há só um caixa, só um credor, no jogo de contas do universo... Posso eia pagar a minha divida ao povo do Recife e dar-me a eternidade para me desdobrar com Ele que é o credor universal...

(Da "Revista Brasileira").

JOAQUIM NABUCO — Afonso Celso

Já recebeu a devida consagração triumphal o livro da srta. d. Carolina Nabuco, sobre a vida de seu glorioso pai.

Todos os órgãos autorizados da nossa imprensa, todos os, infelizmente, não numerosos idóneos julgadores da nossa produção literaria, tributaram calorosos aplausos e encomios ao volume mediante o qual a autora, rendendo piedosa homenagem final, soube elevar-se, com um só magnifico surto, ao fastigio occupado pelos mestres nacionais na arte de escrever, narrando fatos historicos e biograficos.

Na realidade, — "A Vida de Joaquim Nabuco" — alentado trabalho que, de certo, custou longo prazo de aturado e esclarecido esforço, merece, pela clara e bela distribuição das materias, pela ordem das informações, pela concetosa apreciação de nomes e acontecimentos, pela segurança dos golpes de vista, pelo apuro do estilo, corrente, singelo, elegante, sempre impregnado de natural distincção, merece ser lida mais de uma vez, consultada quando surgirem dúvidas sobre certos episodios dos fastos patrios, enojenda entre os livros de uma biblioteca brasileira.

Carolina Nabuco será doravante citada com respeito e admiração por quem quer que se ocupe dos nossos lettras.

O redator destas linhas teve a fortuna de conviver de perto com Joaquim Nabuco, durante a quozora mais brilhante da existência dele, quando, recolhido duas vezes por Pernambuco, propugnou ele de modo decisivo a campanha abolicionista em cuja victoria parlamentar lhe pertence incontestavelmente a primazia.

No correr das memoráveis jornadas de 7 a 13 de maio de 1888, eravamo constantemente ao lado dele, auxiliando-o, com a melhor vontade, ouvando, em várias occasiões, no cumprimento do dever, falar depois que a soberana voz dele eletrizara o auditorio.

No opusculo — "Oito Anos de Parlamento" — procuramos registar a extraordinária impressão por ele então produzida e o inegavel prestigio, a imensa popularidade que angariara, pelos seus excepcionais meritos e serviços.

Depois, a aderção dele a República e pequenos incidentes de ordem publica nos separaram, sem que, entretanto, jamais houvesse de nossa parte a minima diminuição na reverência que prestavamos a suas superioridades.

Convém rememorar, para honra dele, nossa e do Visconde de Ouro Preto, dois fatos que não constam do uias completo e concienzoso trabalho de d. Carolina Nabuco.

Logo após a organização do seu ministério (7 de junho de 1889), soube o Visconde de Ouro Preto que Joaquim Nabuco recém-casado (celebrou-se o feliz consorcio a 23 de abril do mesmo ano, na capella do Visconde de Silva, a rua Marquês de Aurantes, tendo-nos cabico a honra de figurar entre os escudallos assistentes) se preparava para uma viagem ao Rio da Prata.

Lembrou-se de encarrega-lo de uma missão diplomática na Argentina, Uruguay e Paraguai.

Encarregou-nos de sondar Joaquim Nabuco.

Fulmine-lhe, e ele mostrou-se grato ao convite do Visconde, mas declarou que não podia aceitar a nomeação por varios motivos, entre os quais o de que a sua excursão seria apenas um passeio nupcial. Acrescendo que o objetivo principal da missão, conforme lhe informamos, consistiria em tratar de materias comerciais, repressão do contrabando nas fronteiras, etc., cousas para as quais não se achava preparado.

Mais tarde, a vista da recusa de Nabuco, o Visconde de Ouro Preto dirigiu-se ao Conselheiro Francisco Bellardi que anuiu, mas inopinadamente faleceu, antes da investidura.

Eis o outro fato:

Em fins de 1891, Nabuco, que escrevia no "Jornal do Brasil", cujo redator chefe era Rodolfo Dantas, concebeu o projeto

de fundar uma grande revista literaria e teve a grande gratificação de chamar-me para seu companheiro.

O que ocorreu a respeito consta do seguinte documento, de que existem dois exemplares, com as assinaturas autografadas, arquivados um no Instituto Historico e outro na Academia de Lettras.

A redação do contrato é de Nabuco:

"Entre os abaixo assinados fica estabelecida uma sociedade em comancia, cuja existência e fins serão regulados pelas cláusulas seguintes:

1.ª) — O capital da sociedade será de rs. 100.000\$000 (cem contos de reis), contribuindo o sócio Barão de Jaceguai com rs. 30.000\$000 (trinta contos de reis), o sócio Joaquim Nabuco com rs. 25.000\$000 (vinte e cinco contos de reis), o sócio Afonso Celso com rs. 5.000\$000 (cinco contos de reis), e os outros sócios Rodolfo Dantas, Manoel José da Fonseca, Barão de Drummond e Manoel Buarque de Macedo com rs. 10.000\$000 (dez contos de reis) cada um. Esse capital pode ser elevado.

2.ª) — O fim da sociedade é a publicação e exploração de uma revista de que será redator o sócio Joaquim Nabuco e, em sua falta, o sócio Afonso Celso.

3.ª) — O sócio Joaquim Nabuco, alem das funções de redator da revista, exercerá, conjuntamente com o sócio Afonso Celso, as que forem necessárias para a administração do capital da mesma revista. Estes dois são os sócios solidários responsáveis. Os outros são meros comanditários, na forma do artigo 211 do Código Commercial.

4.ª) — Os lucros da sociedade serão divididos pelos sócios na proporção dos respectivos quinhões realizados.

5.ª) — O sócio Joaquim Nabuco terá pela redação e gerência da revista a quantia de rs. 1.000\$000 (um conto de reis) mensalmente, a qual será contada ao cambio par, quando estiver no estrangeiro. O sócio Afonso Celso terá a quantia de 500\$000 (quinhentos mil reis) em idénticas condições, independente do que possa receber como colaborador da revista. No caso de substituir o último sócio ao primeiro terá as vantagens a este concedidas.

6.ª) — O capital será realizado em duas prestações, a primeira logo após o registro do presente contrato e a segunda quando o exigir a administração da revista, precedendo-a, porém, aviso de trinta dias.

7.ª) — Se os lucros ultrapassarem 12 %, será dividido o excesso em duas partes, das quais uma será attribuida, em quotas iguais, aos sócios Joaquim Nabuco e Afonso Celso e a outra ratada pelos sócios comanditários e solidários.

8.ª) — A firma social será Joaquim Nabuco & Cia., e poderá ser usada pelos dois sócios solidários. O prazo da sociedade será de três anos, findos os quais poderá ser renovado.

9.ª) — Expirado o prazo social, e não sendo renovado este contrato, a propriedade do nome da revista pertencerá ao sócio Afonso Celso.

10.ª) — As despesas de viagens destinadas á fundação e propagação da revista correrão por conta da sociedade.

11.ª) — E' lito a sociedade, depois de fundada a revista, editar livros, commerciar com eles e objetos de livreria, bem como editar e publicar outras revistas e jornais.

12.ª) — Os sócios solidários apresentarão semestralmente um balanço da sociedade.

Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1891. — (Ass) — Arthur Jaceguai. — Joaquim Nabuco. — Barão de Drummond. — M. Buarque de Macedo. — Afonso Celso. — Manoel José da Fonseca. — Rodolfo Dantas.

Nabuco entusiasmou-se com a ideia.

Em várias conferencias que tivemos para levá-la a effecto

NABUCO, POETA

DOIS SONETOS A CAMÕES

Aos bravos do Riachuelo

I
Salve, ó heróis brasileiros
guilho do Pavilhão,
Que uma epopeia de glória
abreais na nossa história
Ao restar do canhão;
Salve, heróis, salve guerreiros,
Que fardes sobrehumanos
Batalha nessa batalha
De nossa farda mortalha,
De aquilão os Oceanos.

II
Salve, dia refulgente,
Em que nossa pavilhão
Em sangue imago lavado,
Levanta-se aguilão,
Nos muros dessa nação
Salve dia refulgente,
E qual o sangue dos bravos
Tem a água do rio,
Para lavar nossos bríos,
E temer esses escravos.

III
Vencemos, nossa bandeira
Que esse condilho ultrajou,
Atrevia-se elevava,
E os belos céus contemplava,
Do céu país que a insultou
E o sempre a derradeira,
Mas hoje ela é respeitada,
O futuro sempre esquecida,
Mas nos muros erguida,
Temendo um verbo sagrado!

IV
Era uma luta de morte
A liberdade se erguia.

No meio dessa batalha
Para afrontar a metralha
E calcar a tirania
E Deus mostrou-lhe o seu Norte,
E Deus lhe disse: ido avante!
E no batismo de sangue
Em cada morto ou exangue
Se renovava um gigante.

Vingança, tudo exclamava:
Das crianças os nagidos;
Das pobres mães os clamores,
Corumbos os horrores,
Inocência os gemidos!
Era a pátria que clamava;
Eram irmãos que sofriam
E nos ouvidos dos bravos
A cruzada dos escravos
Os ecos repercutiam.

VI
Vencemos! A guerra! A guerra!
Que o sagrado pavilhão
Que em Paisandú já se ergueu
E em Riachuelo venceu,
Jure se erguer na Assunção!
Vencemos! A guerra! A guerra!
Sóvamos a humanidade,
Mostremos que somos bravos
Restituindo aos escravos
A carta de liberdade.

VII
Avante! na nossa história
Há muita folha dobrada
Há muito nome querido...
"as nossas mentes erguido"
mo os de Pedro e de Andrada!
Há muito louro e vitória,
Que nos dirige ao combate;
Ante os nossos ascendentes

Calabar e Tiradentes

"...smo se abate"

VIII

Vamos! Avante! Planemos
Nossa bandeira vingada
Nas muralhas de Assunção!
Levantenos o pendão
Na cidade libertada!
Sim! Avante! sim! mostremos
Os troféus de Pirajá,
E esta rota bandeira
Ao batismo brasileiro
Nos muros de Humildade!

IX

Vamos, ali se levanta
Por sobre os nossos troféus,
Esta bandeira ultrajada
E com pendão vingada
Por tantos bravos Anteus!
Vamos, ali se levanta
O símbolo da humanidade
No gládio da liberdade
Que vence nesta porfria!

X

Vamos! Que o mundo se espante
Ao ver o nosso sinal;
Ao ver a nossa bandeira
Além a terra derradeira
Com uma glória imortal!
Vamos, que alem se levanta
E o mundo trema de vê-lo
Nas muralhas de Assunção
De Pirajá o pendão;
Caimbra e Riachuelo!

(30 setembro 1865)

INEZ E CATARINA

DUAS MULHERES CHEGAM-SE, MEDROSAS,
PARA PERTO DA ESTATUA CUJA FRONTE
A MANHA QUE DESPERTA NO HORIZONTE
ENCHE DE CLARIDADES JUBILOSAS

VESTEM AMBAS AS ROUPAS GLORIOSAS,
CUJO FIOS DE LUZ NÃO HA QUEM CONTE.
MAS QUEM SÃO ESSAS FORMAS VAPOROSAS,
COMO AS NÉVOAS QUE DESCEM SOBRE O MONTE?

UMA TRAZ AS "HERVINHAS", COM AS FLORES
QUE ELA COLHEU NA FONTE DOS AMORES
A QUEM "DEPOIS DE MORTA A FEZ RAINHA";

A OUTRA, QUE ERA A VIDA, ERA O DESEJO,
QUE ENCHIA A GRANDE ALMA QUE ELE TINHA —
NOIVA DE SUA GLÓRIA — TRAZ-LHE UM BEIJO.

II

APOTEOSE

ELE FOI UM ARTISTA SOBERANO,
E SÓ TEVE NA ARTE UM IDEAL:
ERA A PATRIA, POR ISSO, PORTUGAL,
QUE ELE AMOU COM ALMA DE ROMANO;

A QUEM DISSE, MIRANDO-O NO OCEANO:
"PODES MORRER, QUE EU TORNO-TE IMORTAL";
E HOJE O VASTO, O IMENSO PEDESTAL
DO VULTO DO POETA SOBREHUMANO.

NESSE BRONZE QUE OS TEMPOS NÃO CONSOMEM,
ELE PAGA UMA DIVIDA DE GLÓRIA
A MAIOR QUE UM PAÍS DEVEU A UM HOMEM —
E DE JOELHOS, NO CHÃO DA SUA HISTÓRIA,
LEMBRANDO-SE DA GRANDE INGRATIDÃO,
PEDE AO DEUS DOS "LUSIADAS" — PERDÃO!

Antecipação da posteridade - Xavier Marques

(DA ACADEMIA BRASILEIRA)

O Brasil recolhe os despojos de um grande patriota, a quem as mais distintas honras foram prestadas, além dos estúdios, por uma nação soberba, ativa e habitualmente sóbria em suas homenagens. Foi essa uma verdadeira antecipação do juízo da posteridade, a quem ahas Joaquim Nabuco já se havia comprometido em vida. Partindo do estrangeiro, esta consagração postuma parece uma justa retribuição ao pensamento do brasileiro que, sem nunca abandonar do país natal, teve contudo envergadura bastante ampla para abraçar as causas de todos os povos. Seu pensamento semelhante à espada de Garibaldi, andava pelo mundo e batalhar em prol dos princípios e das idéias liberais.

Esta feição cosmopolita do espírito de Joaquim Nabuco era de ordem a granger-lhe simpatia universal. Foi talvez o que o amou bem cedo exilado para bater-se, com tanto denuído, com a força e a gentileza de um justador medieval, pela libertação da raça negra. O abolicionismo era antes de tudo um interesse da humanidade e da civilização. Por isso mesmo Nabuco propunha-o na mais vasto teatro de ação — não só da tribuna do Parlamento nacional, mas perante o mundo culto, indo as suas próprias captações obter palavras e atos de solidariedade com a opinião e o sentimento abolicionista do Brasil.

O seu cosmopolitismo não

era o produto de um caráter versátil, sujeito à fascinação dos homens e das coisas exóticas, era a tendência irresistível de um espírito compreensivo, apaixonado de beleza e ideal, atraído por todas as boas obras políticas, sociais, humanas, onde quer que estas se tentassem.

Há um capítulo no seu livro "Minha Formação" cujo título por si só define esse formoso caráter: — "Atração do mundo". — "Em minha vida (escreveu ele, sob essa rubrica) vivi muito da Política, com o grande isto é, da política que é história, e ainda hoje vivo e certo que muito menos." Mas para a política propriamente dita, que é a local, a do país, a dos partidos, tenho esta dupla incapacidade: não sou um mundo de coisas me parece superior à ela como também minha curiosidade, o meu interesse, vai sempre para o ponto onde a ação do drama contemporâneo universal é mais complicada ou mais intensa".

Raros homens tem conseguido um auto-julgamento tão exato. E o certo é que nós, os seus compatriotas, não poderíamos lamentar a dispersão que ele tenha sido obrigado a fazer do seu espírito, atraído pelas lances da política estrangeira. Dando-se assim a "magna civitas", com toda aquela generosidade cavalheiresca, muito nos reservou ainda e nos deixou, de cada face do luminoso diamante que era o

seu talento, como político, diplomata, historiador, escritor e jornalista.

Outros pode ser que mereçam, como políticos e valores intelectuais, a nossa maior admiração: mas a nossa intensa, profunda e radical simpatia, ele a merece, ele, o gênio amável, insinuante e distinto, misto de energia e graça, de humanidade e patriotismo, cidadão brasileiro e cidadão do mundo.

Poucos se conheceram tão bem a si mesmos e souberam julgar-se. Dir-se-ia que ele se viu todo, moralmente, num espelho, e foi traçando com segurança e fidelidade a sua imagem. Depois de lida a "Minha Formação" fica-se quase sem ter o que acrescentar à psicologia do apóstolo da liberdade e do liberalismo político. E lido, pois, hesitar entre uma capacidade que nele acusou recentemente Rui Barbosa, em discurso na Academia de São Paulo, e a própria opinião de Joaquim Nabuco sobre a sua inaptidão para o governo.

Disse o primeiro: "Agora nos Estados Unidos o embaixador do Brasil avulta com a importância de uma figura que honraria a Grã Bretanha, a França ou a Alemanha. No agente diplomático porém, o que avulta é a vocação do homem de Estado, comprimida numa situação estreita para a expansão natural da influência dos seus talentos e das suas qualidades."

Com antecedência de dez anos, Nabuco havia escrito: "Não há, sem dúvida, ambição mais alta que a de estadista, e eu não pensaria em reduzir os homens eminentes que merecem aquele nome em nossa política ao papel de políticos de profissão; mas para ser um homem de governo é indispensável fixar, limitar, encerrar a imaginação nas coisas do país e ser capaz de partilhar se não das paixões, de certos dos preconceitos dos partidos, ter com eles a mais perfeita comunhão de vida, "individuae vitae consuetudinem". Assim quando eu

tivesse, que não tive, as qualidades precisas, estava impedido para a política pela incompressibilidade do meu interesse humano."

Ligeiras notas à margem de uma vida fecunda e preciosa que cessou... é dela mais um traço, raro em nossos homens que chegaram a ser grandes. Quanto deles têm sido bastante superior, franco, sincero e graciosamente indiscreto para confessar os pecados de sua pretensão de moços, para sorrir da opinião que formaram sobre si mesmos, das altas cavalarias a cuja altura se supuseram com a confiança e a audácia dos vinte anos?

Joaquim Nabuco, com uma delicada falta de indulgência para com os feitos de sua juventude intelectual, conta-nos, sorridente, casos que valeriam a pena de ser notados por muita mocidade afoita neste nosso país de estadistas precoces... Assim se refere ele ao tempo em que, invadido pelo espírito de rebeldia e independência, teve a "petulância" de na Academia contrapor às vezes o seu modo de pensar ao do senador Nabuco, seu pai... "em lugar de apertar religiosamente, como eu faria hoje, cada palavra sua."

Ainda no primeiro ano de curso de direito, em São Paulo, fundara um jornal para atacar o ministério Zacarias, que seu pai apoiava. Mas o moço Nabuco era liberal. "Meu pai escrevia-me que estudasse, me deixasse de jornais e sobretudo de atitudes políticas em que se podia ver, sem uma inspiração, pelo menos uma tolerância da parte dele. Eu, porém, prezava muito a minha "independência de jornalista", a minha "emancipação de espírito", queria sentir-me livre, julgava-me comprometido perante minha "classe", a academia, e assim iludia, sem pensar desobedecer, o desejo de meu pai, que, provavelmente, não ligava grande importância à minha oposição ao ministério amigo."

Quais eram as idéias do jovem liberal? "As minhas idéias eram, entretanto, uma mistura e uma confusão: havia de tudo em meu espírito." Eram impressões que ele tomava por idéias, impressões de leituras, das "Palavras de um crente", dos "Mártires da Liberdade", da "História dos Girondinos". "O ano de 1866 foi para mim o ano da Revolução Francesa... Apesar disso, eu lia também Donoso Cortez e Joseph de Maistre, e até escrevi um pequeno ensaio, com a infabilidade dos dezesseis anos, sobre a Infabilidade do Papa." Posso dizer, conclui, "que não tinha idéia alguma, porque tinha todas".

Em 1871, aos 21 anos, escrevendo na "Reforma", lançou um artigo sobre a viagem do Imperador. "Esse artigo é "quasi" republicano. As minhas novas idéias inglesas não estavam ainda senhores da casa, não tinham força para eclipsar as projeções, em parte fantásticas, que nesse tempo, com a sua lanterna mágica, Laboulaye acabava de fazer do mundo americano. Por isso eu aconselhava ao Imperador que, em vez de ir à "velha" Europa, fosse à "jovem" América." Aos vinte e um anos, com todo o seu talento, confessava não ter compreendido a máxima política do velho Nabuco: — A utilidade relativa das leis prefere à utilidade absoluta. "O relativo não existia para mim."

Dois anos depois entrava o moço liberal no "fronze" contra os bispos e a Igreja, desfechando-lhes conferências, artigos e folhetos, dos quais não quis mais tarde retirar uma só palavra do que dissera em relação à liberdade religiosa. Mas "do que preciso fazer renúncia, em favor das traças que os consumidores, é de tudo o que nesses opúsculos escrevi em espírito de antagonismo à religião, com a mais soberba incompreensão de seu papel e da necessidade, superior a qualquer outra, de aumentar a sua

(Continua na página 61)

exatidão, com a habitual elegância, os termos do artigo de apreensão e do programa das seções.

Conflava inteiramente no feliz êxito do empreendimento. Sobrevieram, porém, os tristes acontecimentos do começo de dezembro de 1891, ocasionados pela morte do Imperador: a exaltação jacobina, o apedrejamento do "Jornal do Brasil" o êxito do "Brasil", o ordo monarquista, em que escreviamos. Sob a direção de Carlos de Lacerda, a falta de garantias para os adversários do regime, confessada pelo próprio Governo, as constantes ameaças contra eles, a retirada de Rodolfo Dantas e Nabuco para a Europa.

O projeto da Revista naufragou, assim, deixando no único sobrevivente dos associados de 1891 saudosíssimas recordações. ("Jornal do Brasil" — 9-3-1929).

Algumas cartas da correspondência de Joaquim

Rio, 28 junho, 1904.

Meu caro Nabuco. — Já, com amigos comuns, lhe mandei os meus cumprimentos; o mesmo com a nossa Academia. Agora, pessoalmente, vou estas poucas linhas levar-lhe o cordial abraço do amigo, do patriótico e do admirador. — Aqui esperamos, desde muito, a solução do árbitro (1). Conheciamos a capacidade e a força do nosso advogado, a sua tenacidade e grande cultura, o amor certo e provado a este país. Tudo isso foi agora empregado, e o trabalho que vale por si, como a glória de o haver feito e perfeito, não perdeu uma linha do que lhe custou e nos enobrecera a todos. Esta foi a manifestação da imprensa, e dos homens, políticos e outros. — Quisera dizer-lhe de viva voz estas palavras, mas creio que não voltaria por cá por ora, segundo dai para Londres, e pela minha parte não irei lá. Já não é tempo para os meus anos compridos, natural fadiga, além de outras razões que impedem este passo, que considero de gigante. Mas, ainda que de longe, terei o gosto de vê-lo continuar a honrar esse nome, duas vezes seu, pelo que tanto fulgiu outrora, e por si. Você escreverá a vida de um, algum escreverá um dia o do outro (2), e nela entrará o nome capitulo que acaba de fechar. — Agradeço-lhe as lembranças últimas que temido de mim, especialmente a da Bandeira, mandada das ruínas do teatro grego (3) e de uma de suas vistas. Assim me deu, com lembrança (e amigo, o aspecto de coisas que levantam o espirito, e de longe, e fazem gerar duas vezes pela distância no tempo e no espaço. — A nossa Academia Brasileira tem já o seu aposento, como deve saber. Não é separado como queríamos; faz parte de um grande edifício, dado a diversos institutos. Um destes, a Academia de Medicina, lá tomou posse da parte que lhe cabe, e fez a sua inauguração em sala que deve ser comum às sessões solenes. Não recebi ainda oficialmente a nossa parte, espero-a por dias. — Adeus, meu caro Nabuco. — Aceite ainda uma vez a afirmação do particular afeto do. — Velho amigo — Machado de Assis.

Londres, 8 de outubro, 1904.

Meu caro Machado. — Há tempos recebi a sua boa carta sobre a Sentença, carta verdadeiramente preciosa e uma das que mais vezes hei de ler, quando tiver tempo para voltar ao passado e viver a vida das recordações. Por enquanto sou um escravo da atualidade que passa, e cada dia a tarefa que ela me dá parece calculada para me impedir de olhar para os lados, para o passado, e para o futuro. Mas que vivacidade, que ligeireza, que doçura, que benevolência a do seu espírito. Eu ia dizendo, que beatitude! Você pode cultivar a vesícula do fel para a sua filosofia social, em seus romances, mas suas cartas o traem. Você não é somente um homem feliz, vive na beatitude, como convém a um Papa, e Papa de uma época de fé, como a que hoje aí se tem na Academia. Agora não vá dizer que o ofendi e o acusei de hipocrisia, chamando-o de feliz. — A propósito do Papa vou contar-lhe um sonho que tive há tempo. Via-me em Roma, no Vaticano, e quando me aproximei do trono estava nele uma Mulher, com rosto de Madona, cercada dos Cardeais em toda pompa. Não sabendo o tratamento que devia dar à Papisa, perguntei-lhe como a

devia chamar, e ela respondeu-me: "Chame-me Vossa Dor". Vossa Dor! Não seria um tratamento mais sugestivo para a encarnação da Igreja do que Vossa Santidade, ou Vossa Beatitude? Para a encarnação viva de qualquer ideal? Não é a Igreja a mais bela das imagens sobre o nosso mundo: "Este vale de lágrimas"? Confesso-lhe que, acordado, nunca me teria ocorrido semelhante resposta: Chame-me Vossa Dor". Quer eu deva também chamá-lo Vossa Beatitude ou Vossa Dor, aceite, meu caro amigo, meus sinceros agradecimentos pelas bondades largamente derramadas em sua carta. Não estou certo de que não teríamos perdido tudo sem o esforço que fez para colher e deduzir a nova prova, e por isso me vou desvanecendo de ter reivindicado a melhor parte para nós da divisão feita pelo Arbitro. Não foi uma partida vencida, foi uma partida empatada, e isto, quando o outro jogador era a Inglaterra, e por certo meia vitória. V. um dia ouvirá mais sobre este assunto. — E' a nova eleição? Não falo da eleição do futuro Presidente, da qual parece já se estar tratando aí, mas da eleição do novo Acadêmico. O Bandeira (4) escreveu-me e eu teria prazer em dar-lhe o meu voto, mas o meu voto é seu. V. aí é quem vota por mim. Eu pensei que o Jacuegal desta vez se apresentaria. Ele, porém, achou mais fácil passar Humaitá do que as baterias encontradas do nosso reduto. Quais são essas baterias? A do Garçonier lhe daria uma salva de... quantos tiros? Onde estão as outras? Eu não sei, mas se ele foi candidato, meu voto é dele pela razão que fui eu quem lhe rugeri o ano passado a ideia. V. terá uma carta minha dizendo que ele não se apresentaria contra o Quintino. Não sei porque o Quintino não foi membro fundador. Eu seguramente estranhei essa anomalia na Revista, anomalia tanto maior quanto o nosso criador era um grande entusiasta do Quintino. Agora a entrada do Quintino não tem mais razão de ser, porque pareceria que ele adquiriu título depois da fundação, quando o tinha antes de quasi todos os fundadores. A exclusão dele é pois um fato consumado, como seria a do Ferreira de Araújo, se visse, como é a do Ramiz, a do Capistrano, que não quiseram. Se o Quintino não recusou, supõe-se que recusou, fica assentado que recusou. Podemos declará-lo; não podemos confessar que o esquecemos. Se, entretanto, ele se apresentar, julgo melhor esperar outra vaga para a combinação e eleger do do mesmo tempo. Eu acho bom dilatar o prazo das eleições, porque no intervalo ou morre algum dos candidatos mais difíceis de preterir, ou há outra vaga. A minha teoria já lhe disse, devemos fazer entrar para a Academia as superioridades do país. A Academia formou-se de homens na maior parte novos, é preciso graduar agora o acesso. Os novos podem esperar, ganham em esperar, entrarão depois por aclamação, em vez de entrarem agora por simpatias pessoais ou por serem de alguma "exterie". A Marinha não está representada no nosso grémio, nem o Exército, nem o Clero, nem as Artes, é preciso introduzir as notabilidades dessas vocações que também cultivam as letras. E as grandes individualidades também. Assim, o J. C. Rodrigues, o redator do "Mundo Novo", o chefe do "Jornal do Comércio", que neste momento está colecionando uma grande livreria relativa ao Brasil, e o nosso Carvalho Monteiro, de Lisboa? A este, o Mecenaz, V.

poderia dar o voto de Horácio. E' verdade que Você é Horácio, mas que ele nada lhe deu, ainda assim V. consagrou o tipo de Mecenaz. Etc., etc., etc. Com o Jacuegal entrava a glória para a Academia. E' verdade que ele nenhuma afimidade tinha com o Martins Junior, mas a cadeira ainda está vaga — é a cadeira de Taunay, o patrono do Otaviano, e desses dois o Jacuegal seria o substituto indicado por eles mesmos. — Nas minhas cartas V. achará o compromisso que tomei para a eleição do Assis Brasil. Não sei se este será candidato. Não o será sem o seu concurso. Você então decidirá por mim sem prejuízo do Jacuegal. Em uma palavra, V. é o guarda da minha consciência literária, ausente do prelo como me acho. — Você compreenderá agora porque tardei tanto em responder-lhe, era-me preciso escrever uma nova Memória, e tenho horror hoje às Memórias. Estou nos últimos dias do Graça Aranha conosco. Por maior que seja o vazio que ele vai deixar, não quisera prolongar a ansiedade de Você todos os dias depois de uma separação de mais de cinco anos. Vai haver lágrimas de alegria aí; eu estou cá e lá. Trouxe-o descontentado do país, restituindo o gloriário (5) esperando que todos teriam o mesmo orgulho dele aí, que eu tenho a mesma certeza que dorá em diante ele e quem mais pode fazer pelo brilho e nome das nossas letras. Ele o apresentará a um grande amigo, o que eu novamente tenho aí, o ministro russo, Conde Prozor, tradutor de Ibsen. A Condessa Prozor é também uma intelectual de primeira ordem. — Adeus, meu caro amigo, muitas saudades a todos da nossa pequena roda e um afetuosíssimo abraço do todo seu — Joaquim Nabuco.

Brazilian Legation.

Londres, 17 novembro de 1904 (6).

Meu caro Machado. — Que lhe hei de dizer? Morrer antes de V. foi um ato de misericórdia de V. por uma Providência dispensou à Dona Carolina (7). A viagem sofreu mais, às vezes tragicamente. No seu caso a imaginação, o interesse intelectual, o trabalho é um ambiente que permite em parte a dor a evaporação excessiva. A resolução do dilema inevitável foi a melhor para ambos; coube a V. o sofrimento. V. compreenderá que o vácuo do coração precisa ser compensado pelo movimento e pela agitação do seu espírito. Será este o seu conforto e a maior dívida da nossa língua para com o tumulto à cuja sombra V. vai se acolher. — Quanto sinto, meu caro amigo, não estar ao seu lado: está porém o Graça. Contado! Que triste vida a dele: o seu luto e a molestia do Veríssimo. Fico ansioso por notícias deste. O telegrafo anuncia-nos também mortes e ferimentos no Rio de Janeiro (8). Eu que julgava passada para a República a crise das convulsões! — Adeus, meu caro Machado. — creia-me sempre muito sinceramente seu — Joaquim Nabuco.

Rio, 20 nov., 1904.

Meu caro Nabuco. — Tão longe, em outro meio, chegou-lhe a notícia da minha grande desgracia (9). E V. expressou logo a sua simpatia por um telegrama. A única palavra com que lhe agradeço (10) é a mesma que ora lhe mando, não sabendo outra que possa dizer tudo o

que sinto e me acabrunha. Foi se a melhor parte da minha vida, e aqui estou só no mundo. Note que a solidão não me é enfadonha, antes me é grata, porque é um modo de viver com ela, ouvi-la, assistir aos mil cuidados que essa companhia de 35 anos de casados tinha comigo; mas não há imaginação que não acorde, e a vigília aumenta a falta da pessoa amada. Eramos velhos, e eu estava morrendo antes dela, o que seria um grande favor; primeiro, porque não acharia ninguém que melhor me ajudasse a morrer; segundo, porque ela deixa alguns parentes que a consolarão das saudades, e eu não tenho nenhum. Os meus são os amigos, e verdadeiramente são os melhores; mas a vida os dispersa, no espaço, nas preocupações do espírito e na própria carreira que a cada um cabe. Aqui me fico, por ora na mesma casa, no mesmo aposento, com os mesmos adornos seus. Tudo me lembra a minha meiga Carolina. Como estou à beira do eterno aposento, não gastarei muito tempo em recordá-la. Irei vê-la, ela me esperará. — Não posso, meu caro amigo, responder agora à sua carta de 8 de outubro; recebi-a dias depois do falecimento de minha mulher, e Você compreende que apenas posso falar deste fundo golpe. — Até outra e breve; então lhe direi o que convém ao assunto daquela carta, que, pelo afeto e sinceridade, chegou à hora dos melhores remédios. Aceite este abraço do triste amigo velho. — Machado de Assis.

Rio, 6 dezembro 1904.

Meu caro Nabuco. — Quando ia a responder à sua carta de 8 de outubro, aqui chegada depois da morte da minha querida Carolina, trouxe-me o correio outra de 17 de novembro, a respeito desta catástrofe. A nova carta veio com palavras de animação, quais poderiam ser ditas por V., tão altas, cabais e verdadeiras. Há só um ponto, meu querido amigo: é que as lê e relê um velho homem sem forças, radicalmente enfermo. Farei o que puder para obedecer ao preceito da amizade e da bondade. Ainda uma vez, obrigado! — Indo à carta anterior, dir-lhe-ei que a inscrição para a Academia terminou a 30 de novembro, e os candidatos são o Osório Duque-Estrada, o Vicente de Carvalho e o Souza Bandeira (11). A candidatura do Jacuegal não apareceu; tive mesmo ocasião de ouvir a este que se não apresentaria. Quanto ao Quintino, não falou a ninguém. A sua teoria das superioridades é boa; os nomes citados são dignos, eles é que parecem recuar. Estou de acordo com o que V. me escreveu acerca do Assis Brasil, mas também este não se apresentou. A eleição, entre os inscritos, tem de ser feita na primeira quinzena de fevereiro. Estou pronto a servir a V., como guarda da sua consciência literária, por mais bisonho que possa ser. Há tempo para receber as suas ordens e a sua cédula. — Adeus, meu caro amigo. Tenho estado com o nosso Graça Aranha, que trata de estabelecer casa em Petrópolis, onde vai trabalhar oficial e literariamente; cavi falar de outro livro, que, para ser belo, não precisa mais que a filiação de "Canaim". O Veríssimo está de há muito restaurado. Eu, se reviver de grande golpe, não o deverei menos a V. e às suas belas palavras, para o único, fim de resistir; não é que a vida em si me valha muito. Releve-me a insistência, e receba um abraço

amantíssimo do — Am.º velho — Machado de Assis.

Rio, 13 dezembro, 1904.

Meu caro Nabuco. — Não se admire se esta carta repetir a mesma resposta já dada, tal é a confusão do meu espírito depois da desgraça que me abateu. Fiqui de lhe responder especialmente sobre a eleição da Academia; é o que vou fazer. Se já o fiz, não se perde nada. — Os candidatos são apenas três, Osório Duque-Estrada, Vicente de Carvalho e João Bandeira. Não se apresentou o Jacuegal; perguntei-lhe dentro do prazo o que cuidava fazer, disse-me que não se apresentaria. Os outros nomes citados por V. merecem as reflexões que os acompanham, e tenho que o seu plano no modo de recompor o pessoal acadêmico é acertado. Mas é preciso que as candidaturas venham de si mesmas, em vez de se deixarem quietas, como estas. Desta vez, com a casa nova e a quantia votada no orçamento para a mobília (tende ainda do Senado o orçamento), sempre cuidei que os candidatos seriam mais numerosos. Parece-me que alguns não suportam a ideia da eleição, como se fosse um desaire. V. sabe que não há desaire; a escolha de um nome pode ser explicada por circunstâncias, além do valor pessoal do candidato. O preferido não perde nada; ao contrário, fica uma espécie de dívida da Academia, que não fará parar à porta esquerdo quem já tiver direito de ocupar cá dentro uma cadeira. — Há tempo para vir o seu voto, e estou pronto a recebê-lo; se quiser que eu escreva a cédula, posso ser seu secretário. Basta indicar o nome. Já lhe citei os três, Bandeira, Osório e Vicente de Carvalho. Pelo que me disse na carta de 8 de outubro, o Bandeira escreveu-lhe, e seria prazer em adotá-lo, se não fosse as razões, que aliás se supareceram. Aqui estou para tudo o que V. mandar; ajude-me enquanto há algumas forças restantes; não tardará muito que elas se vão e fique só um triste esqueleto de vontade. — Hontem à noite estive aqui em casa o Graça e sua Senhora, falamos de V. de literatura e de viagens. Se com daqui a dois dias para Petrópolis, onde o Graça vai funcionar na comissão do Acre. O Veríssimo está restabelecido. — Quero pedir-lhe uma coisa, se é possível, — mandar-me algumas das suas fotografias últimas. — Não vi ainda o Conde Prozor, ministro da Rússia, de quem falamos ontem com referência à carta de 8 de outubro (12). Se tivéssemos a recepção na Academia, eu queria obter do conde a fineza de vir a rir com a condessa, mas o Euclides da Cunha, que devia tornar posse, fê-lo por carta ao Secretário, e embarcou amanhã para o alto Parais, onde vai ocupar um lugar de chefe de comissão. Adeus, meu caro Nabuco, continue a não esquecer e dispor do — Velho am.º afetuosíssimo — M. de Assis.

Rio, 19 agosto 1906.

Meu querido Nabuco. — Quero agradecer-lhe a impressão que me deixaram estas suas páginas de pensamento e recordações (13). Vão aparecer justamente quando V. cumpre as tarefas de ordem política. Um professor de Doual, referindo-se à influência relativa do pensador e do homem público, perguntava certa vez (assim)

Nabuco e Machado de Assis

conta Dietrich) se havia grande progresso em colocar Aristides acima de Platão, e Pitt acima de Locke. Concluiu pela negativa. Você nos dá juntos o homem público e o pensador. Esta obra, não feita agora mas agora publicada, vem mostrar que em meio das graves tribulações que o Estado lhe infligia, não repudia as faculdades de artista que primeiro exerceu e tão brilhantemente lhe criaram a carreira literária. Erro e dizer, como V. diz em uma dessas páginas, que "nada há mais rascante que ler pensamentos". Só o tédio cansa, meu amigo, e este mal não entrou aqui, onde também não teve acolhida a vulgaridade. Ambos, aliás, são seus naturais inimigos. Também não é acertado dizer que "se alguns espíritos o leem, é só por distração, e são raios". Quando fosse verdade, eu seria desses raros. Desde cedo, li muito Pascal, para não cair mais que este, e afirmo-lhe que não foi por distração.

Ainda hoje quando torno a tais leituras, e me consolo no desconsolo do "Eclesiastes", acho-lhes o mesmo sabor de outora. Se alguma vez me sucede discordar do que leio, sempre agradeço a maneira por que não expresso o desacordo — Eramentos valem e vivem pela observação exata ou nova, pela reflexão aguda ou profunda, não menos querem a originalidade, a simplicidade e a graça do dizer. Tal é o caso desta sua obra. Todos virão a ele, atraídos pela substância, que é a aguda e muita vez profunda, e encantados da forma, que é sempre bela. Há nestas páginas a história alternada da influência religiosa e filosófica, da observação moral e estética, e da experiência pessoal, já agora longa. O seu interior está aqui aberto às vistas por aquela forma lapidária que a memória retém melhor. Ideias de infinito e de absoluto, V. as inscreve de modo direto ou sugestivo, e a nota espiritual é ainda a característica das suas páginas. Que em todas resplandece um otimismo sereno e forte, não é preciso dizer-lho; melhor o sabe, porque o sente. Aqui o velho confessor, e claro, até nos lugares de alguma tristeza ou desânimo, pois a tristeza é facilmente consolada, e o desânimo acha depressa um surto. Não destaco algumas dessas idéias e reflexões para não parecer que trago toda a flor; por numerosas que fossem, muito mais flor ficaria lá. Ao cabo, para mostrar que sinto a beleza e a verdade particular delas, basta apontar três ou quatro. Esta do livro I: "Muito raramente as belas vidas são interiormente felizes; sempre é preciso sacrificar muita coisa à unidade", é das que evocam recordações históricas, ou observações filosóficas, e nas mãos de alguém, narrador e psicólogo, podia dar um livro. O mesmo digo da outra, que é também uma bela política: "Muita vez se perde uma vida, porque no lugar que cabia ponto final se lança um ponto de interrogação". Sube-se o que era a vida dos anacoretas, mas dizer como V., que "eles só conheciam dois estados, o de oração e o do sono, e provavelmente ainda dormindo estavam rezando", é por nesta última frase a intensidade e a continuidade do motivo espiritual do recolhimento, e dar do anacoreta a imagem mais viva que todo um capítulo. — Nada mais natural que esta forma de conceito inspire imitações, e provavelmente naufrágios. As faculdades que exige são especiais e raras; e é mais difícil viver nela que em composição narrativa e seguida. Exemplo da arte particular deste gênero é aquele seu pensamento CVII

do livro III. Certamente, o povo já havia dito, por modo direto e chão, que ninguém está contente com a sua sorte; mas este outro figurado e alegórico é só da imaginação e do estilo dela: "Se houvesse escritório de permuta das felicidades que uns invejam aos outros, todos iriam lá trocar a sua". Assim muitas outras, assim esta imagem de contrastes e imperfeições relativas: "A borboleta acha-nos pesados, o pavão mal vestidos, o ruixinol roucos, e a agulha rasteiros". — Em meio de todo este pensamento e lapidação, as reminiscências que V. aqui põe falam pela voz da saudade e do mistério, como esse quadro no cemitério das cidades. Você exprime magnificamente aquela fusão da morte e da natureza, que V. cultivava também com amor, da imagem da vida e do engenho do norte, ainda para quem a conhece de outra ou de leitura; deve ser verdadeira. — Não há aqui só o homem de pensamento ou apenas temperado por ele; há ainda o sentimento evocado e saudoso, a obediência viva que se compraz em acudir ao impulso da vontade. Tudo ali, desde o sino do trabalho até a paciência do trabalhador, a velha madrinha, senhora do engenho, e a jovem mucama, tudo respira esse passado que não torna, nem com as doçuras ao coração do menino antigo, nem com as amarguras ao cérebro do atual pensador. Tudo lá vai com os primeiros educadores eminentes do seu espírito. Irando V. neste trabalho de história e de política, que ora faz em benefício de um nome grande e comum a todos nós; mas o pensamento vive e viverá. — Adeus, meu caro Nabuco, ainda uma vez agradeço a impressão que me deu; e oxalá não esqueça este velho amigo em quem a admiração reforça a afeição, que é grãce. — M. de Assis

Rio, 1 de agosto de 1908.

Meu querido Nabuco. — Lá vai o meu "Memorial de Ayres". Você me dirá o que lhe parece. Insisto em dizer que é o meu último livro: além de fraco e enfermo, vou adiantando em anos, entrei na casa dos setenta, meu querido amigo. Há dois meses estou repousando dos trabalhos da Secretaria, com licença do Ministro, e não sei quando voltarei a eles. Junte a isto a solidão em que vivo. Depois que minha mulher faleceu sobre por algumas amigas dela de uma confidência que ela lhes fazia; dizia-lhes que preferia ver-me morrer primeiro por saber a falta que me faria. A realidade foi talvez maior que ela cuidava; a falta é enorme. Tudo isso me abafa e entristece. Acabei. Uma vez que o livro não desagradou, basta como ponto final. — Recebi os seus discursos e felicito-o por todos (14). O "Jornal do Comércio" publicou os três. Dei os à Academia e a Academia. Já lá temos um princípio de biblioteca, a cargo espiritual do Mário de Alencar, e eles ficam bem nele arquivados. Obrigado por todos e particularmente pelo que trata do lugar de Camões na literatura. É bom, é indispensável reclamar para a nossa língua o lugar que lhe cabe, e para isso os serviços políticos internacionais que se prestarem não serão menos importantes que os puramente literários. Realmente é triste, ver-nos considerados, como V. nota, em posição subalterna à língua espanhola. Você será assim mais uma vez o embaixador do nosso espírito. Um abraço pelas distinções que ali tem recebido e que são para o nosso Brasil inteiro —

Não é verdade que a nossa gente esquecerá Você? falamos muita vez a seu respeito e recordamos dias passados. Se não lhe escrevem é porque a vida agora é abastante, com as mudanças da cidade e afluência de estranhos. Tudo se prepara para a Exposição, que abre a 11. — A Academia vai andando; fazemos sessões aos sábados, nem sempre e com poucos. A sua idéia relativamente ao José Carlos Rodrigues é boa. Falei dela ao Graça e ao Veríssimo, que concordaram; mas o Graça pensa que é melhor consultar primeiro o José Carlos; parece-lhe que ele pode não querer; se quiser parece fácil (15). Não há vaga, mas quem sabe se não a darei eu? (16). — Revele-me estas idéias fúnebres; são próprias do estado e da idade. Peço-lhe que apresente os meus respeitos a Mme. Nabuco e a todos, e receba para si as saudações do velho amigo de sempre. — Machado de Assis.

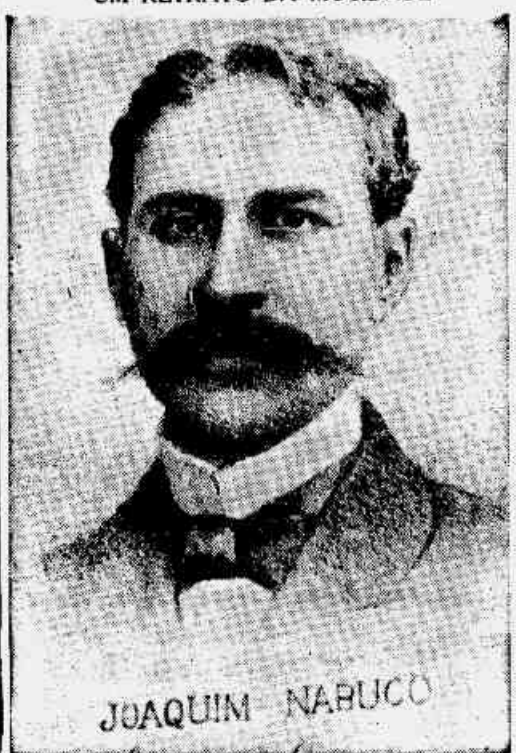
Hamilton, Mass., setembro 3, 1908.

Meu caro Machado — Estou de volta de Chicago, aonde fui pronunciar o discurso de que lhe dei notícia prévia. — É uma pequena viagem redonda de umas sessenta horas! Para dizer algumas palavras. — O pior é que tenho outras viagens do mesmo tamanho esperando-me. — De volta vim achar o seu livro e a sua carta. Esta está muito desconsoada. Eu não o poderia mesmo aí consolar do isolamento. — Você fechou-se nos seus hábitos como a tartaruga na concha, mas no contrário dela não carregou consigo a sua casa. Se não fosse assim eu lhe aconselhava que se mudasse para perto do Graça. Receto que V. só esteja vendo gente triste e falando a metade de velhos, em vez de tomar um banho de mocidade prolongado e constante. — Quanto ao seu livro II-o leia por letra com verdadeira delícia por ser mais um retrato de V. mesmo, dos seus gostos, da sua maneira de tomar a vida e de considerar tudo. É um livro que dá saudades de V., mas também que a mata. E que frescura de espírito! É o caso de recomendar-lhe de novo a companhia dos moços, mas intimamente, em casa. Você parece sentir isto com o Tristão e com o Mário de Alencar. Mas o benefício de infiltrar mocidade não seria para V. só, seria também para eles. V. é a mocidade perpétua cercada de todas essas afecções de velhice. — Não se lembre dos setenta e terá quarenta. Somente não me acostume à ortografia. Creio que lhe terá custado reconhecer-se na nova. — A mim parece que estou lendo os antigos "Jornais do Borges da Fonseca. Ao menos dessa revolução ele saiu bem afinal. São os espíritos revolucionários que revolucionam a ortografia. Um apertado abraço ao — Velho amigo — Joaquim Nabuco.

Em breve passo a reter o "Memorial".

- (1) "A sentença sobre os filhos do Brasil com a Guiana Inglesa foi pronunciada pelo rei da Itália a 14 de junho de 1904. Na impossibilidade de resolver o direito das duas nações, o árbitro, exortando das suas atribuições, dividiu entre elas o território. O governo brasileiro havia recusado proposta mais vantajosa da Inglaterra" (Graça Aranha).
- (2) Sobre Joaquim Nabuco existem dois excelentes livros: Joaquim Nabuco (revista biográfica), por Henrique Coelho, São Paulo, 1902, e A vida de Joaquim Nabuco, por sua filha Carolina Nabuco, São Paulo, 1908.
- (3) Ruínas de Taormina, na Sicília (Graça Aranha).
- (4) Souza Bandeira, candidato a vaga de Martins Junior.
- (5) Chassan, livro que deu origem

UM RETRATO DA MOCIDADE



Joaquim Nabuco, orador

(Continuação da página 53)

demos compreender-nos na sentença de Mitre: não tivemos ainda o nosso livro nacional, ainda que eu pense que a alma brasileira está definida, limitada e expressa nas obras de seus escritores; somente não está toda em um livro. Esse livro, um extrato natural poético, porém, tirado de nossa literatura... O que é essencial, está na nossa poesia e no nosso romance. O livro não podemos fazer, porque o livro é uma vida, em um livro deve estar o homem todo, e nós não sabemos mais fundir o caráter na obra, sem o que não pode haver criação. Em um certo sentido toda criação é senão um suicídio: uma larga e generosa transfusão do próprio sangue em outras veias. Temos pressa de acabar. Estamos todos eletrizados; não passamos de condutores elétricos e o jornalista e a bateria que faz passar pelas nossas corações essa corrente condutora... Se láscamos somente condutores, não haveria mal nenhum; que sofrem de cabos submarinos? Nós, porém, somos fios de uma consciência que não deixa a corrente passar despercebida de ponta a ponta, e nos faz receber em toda a extensão da linha o choque constante dessas transmissões universais...

Esperemos que a Academia seja um isolado, e que do seu repouso, da sua calma, venha a sair o livro em que o general Mitre se o sinal da força, da muscularidade literária... Eu pela minha parte não sei que obra não daria por

uma só frase de Mowatt ou de Schumann; alocução qualquer livro por uma dessas palavras luminosas que brilham eternamente no espírito como estrelas de primeira grandeza... A obra de quem todos os grandes escritores resumem-se em algumas páginas; ser um grande escritor é ter uma nota sua distinta, e uma nota suave e leve; de fato, ele não pode senão repeti-la.

A principal questão ao fundar-se uma Academia de Letras brasileira é se vamos tender a unidade literária com Portugal. Julgo sempre estorir a tentativa de criarmos uma literatura sobre as tradições de raças que não tiveram nenhuma; sempre pensei que a literatura brasileira tinha que sair principalmente do nosso fundo europeu. Julgo outra utopia pensarmos em que nos havemos de desenvolver literariamente no mesmo sentido que Portugal ou conjuntamente com ele em tudo que não depende do gênio da língua. O fato é que, falando a mesma língua, Portugal e Brasil tem de futuro destinos literários tão profundamente divididos como são os seus destinos nacionais. Querem a unidade em tais condições seria um esforço perdido. Portugal, de certo, nunca tornaria na essencial ao Brasil, e a verdade é que ele tem muito pouco, de primeira mão, que lhe queiramos tomar. Uns e outros nos forneceram de idéias, de estilo, de erudição e pontos de vista, nos fabricantes de Paris, Londres ou Berlim... A raça portuguesa, entretanto, como raça pura, tem maior resistência e guarda assim melhor o seu idioma; para essa uniformidade de língua escrita devemos tender. Devemos, porém, um embaraço a deformação que é mais rápida entre nós; devemos reconhecer que eles são os donos das frases, que as nossas empobrecem mais depressa e que é preciso renovar-las indo a elas. A língua é um instrumento de idéias que pode e deve ter uma fidelidade relativa; nesse ponto tudo precisamos empunhar para secundar o esforço e acompanhar os trabalhos dos que se consagraram em Portugal a pureza do nosso idioma, a conservar as formas genuínas, características, lapidárias, da sua grande época... Nesse sentido nunca vi na obra de Heráclito, de Carrel e de seus sucessores deixarmos de ter toda a vantagem brasileira. A língua há de ficar perpetuamente pro-indivíduo entre nós; a literatura, essa, tem que seguir lentamente a evolução diversa dos dois países, das duas heranças.

A formação da Academia de Letras é a afirmação de que literatura, como politicamente, somos uma nação que tem o seu destino, seu caráter distinto, e só pode ser dirigida por si mesma, desenvolvendo sua originalidade com os seus recursos próprios, ao querendo, ao aspirando a glória que possa vir de seu gênio.

- brizada a Graça Aranha, foi publicada em 1900.
- (6) Esta carta não consta da coleção Graça Aranha.
- (7) — Exposição de Machado de Assis.
- (8) — A revolta das Escolas Militares em 14 de novembro de 1904.
- (9) A morte da esposa, aos 28 de outubro de 1904.
- (10) "Obrigado".
- (11) Vaga de Martins Junior (13 inserido). A eleição realizou-se em 15 de fevereiro de 1905, sem resultado. Bandeira obteve 19 votos. Vicente de Carvalho retirou a candidatura. Quatro obteve 14 votos.
- (12) O nome Pinheiro, falecido em 1907, escreveu na "Revista Hebdomadária", de 26 de julho de 1912, interessante artigo sobre Joaquim Nabuco e a cultura brasileira (Graça Aranha).
- (13) Refere-se Machado ao livro de Nabuco: "Pensamentos e discursos", editado em 1906. Esta carta foi incluída por Mário de Alencar no livro póstumo de Machado de Assis, "Cartas", Rio, 1913, p. 206.
- (14) — As três conferências sobre Camões.
- (15) — J. C. Rodrigues nunca se candidatou à Academia.
- (16) — Falecendo em 29 de setembro desse ano, atribuiu realmente Machado a primeira vaga Succeção-lhe o conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira, que, em 1908, sob o pseudônimo de "Machado de Assis", defendeu Machado das críticas injustas que lhe fizera

(Correspondência de Machado de Assis, Edição Jackson).

O senador Nabuco de Araújo

Joaquim Nabuco

Qual será sobre essa polêmica a influência de Nabuco, e que lugar lhe reconhecerá a história da segunda República? Tendo a luz a apogeu de um momento de brilho através dos tempos. De certo, a história política continuará a ser escrita como até agora, se não com a calma de um resumo, mas com a urgência da passagem do tempo. Nabuco sempre foi um homem de ação, e não de contemplação, e a história política continuará a ser escrita como até agora, se não com a calma de um resumo, mas com a urgência da passagem do tempo. Nabuco sempre foi um homem de ação, e não de contemplação, e a história política continuará a ser escrita como até agora, se não com a calma de um resumo, mas com a urgência da passagem do tempo.

Quando esse método de estudar a nossa história política do século XIX tiver cultura entre as futuras gerações, terão esperança que a figura de Nabuco aparecerá cada vez mais no processo entre as esatísticas da era imperial. Na sua obra jurídica, reconstruída e analisada, os críticos não se desviam de não se mais perfeitas análises de princípios que de se encontram coerentes, como também, na medida que ele trata de si mesmo, a gente, o ambiente, o primeiro, ele, do idôneo que não de dominar de pois dele. Da sua obra política ele não de dizer que o Império não deixou outra de igual originalidade, penetração, eloquência, e pureza de forma. No decurso do tempo, será talvez Nabuco, dentro os nossos antigos estadistas, o que mais segura das espíritos pacíficos, que aliou, como Burke, o liberalismo militar e o conservadorismo histórico; dos espíritos jurídicos, para os quais a política é verdadeiramente o trunfo e a florescência do Direito; dos espíritos éticos, idealistas, em cujo atomismo ele é, como a verdade, a arte, a religião, uma das correntes do mesmo movimento ascensional perpétuo, um dos fins da mesma finalidade injunção: ação, como a compunção preferida do pensador, da lufidária de idéias, que o proclamaram, pelo qual e acabou de suas sentenças, o mais perfeito das nossos moralistas políticos. O traço, porém, que melhor definirá sua carreira e sua existência, o estadista e o homem que ele foi, a ação ou influência que exerceu e a impressão que deixou, será este — bondade intelectual.

(Um Estadista do Império).

PENSAMENTOS DE JOAQUIM NABUCO

Il faut Dieu pour remplir le cœur. Les grandes choses ne font que l'ouvrir pour le recevoir. (P. 201).
L'homme sent l'isolement plus que la femme. Même au paradis Dieu trouva qu'il lui était pénible. (P. 213).
(De Pensées détachées).

JOAQUIM NABUCO O DRAMA DE UMA

Chamando-o ao selo do povo pernambucano "a traba-har pela federação na República, assim como havia trabalhado na monarquia", pouco depois do 15 de Novembro, recebeu Joaquim Nabuco as mensagens do Recife e Nazareth, os dois distritos eleitorais que, sob o Império representara na Câmara. Assim, mesmo em pleno tumulto daqueles primeiros dias da era "nova", Pernambuco não esquecia a grande figura de seu nobre filho.

Nada mais belo. E, entretanto, nada mais natural. A República devia ser o governo do povo... E as eleições de Nabuco, notadamente as duas últimas, pareciam, aos olhos de todos, como uma inevitável anteposição desse reinado da soberania popular, cuja aurora a esperança dos crentes de 89 e 90 antevia já em dias próximos.

Nabuco mesmo, recordando esses triunfos, diria, mais tarde: "Aqueles, porém, que concorriam para a vitória desapareciam na lista anônima dos esquecidos... Seus nomes, mesmo os principais, não ecoavam fora da província... Só, dentre eles, José Mariano era conhecido de todo o país e reputado o árbitro eleitoral do Recife. Quem conhecia, porém, a Antonio Carlos Ferreira da Silva, então simples guarda-livros em uma casa do Recife, que, no entanto, fez todas as mínimas eleições abolicionistas? A verdade é que era ele o espírito que movia tudo; sem ele tudo teria corrido em outra direção... Essa e a melhor prova do caráter espontâneo, natural, "popular" das minhas eleições do Recife, o ter bastado para fazê-las um homem como ele, sincero, dedicado, inteligente, leal, habil, todo coração e entusiasmo, sob uma máscara de frieza e misantropia, mas sem posição, sem fortuna, sem "status" político, em ligação de partido, simples abolicionista, nunca aparecendo em público, e, além do mais, "republicano confesso..." Nem era essa a primeira, ou sequer a única ligação seria que Nabuco tivera com republicanos. Entre os entusiastas de sua candidatura contavam-se João Barbalho e Aníbal Falcão, que, pouco depois, seriam eleitos a Constituinte, bem como Martins Junior, mais adiante também deputado.

Já, muito antes, o movimento republicano de 1870 congregara "alguns dos espíritos que mais o fascinavam".

Ao lado de Quintino Bocayava, por três anos, no "O País", fizera a campanha de abolição.

E não é só. Evocando a época da mocidade, ele observou: "As minhas idéias, flutuavam, no meio das atrações diferentes desse período (1868), entre a monarquia e a república. Sem preferência republicana, talvez somente" por causa do fundo hereditário de que falei", isto é, a influência paterna, a atmosfera que respirava em casa e desenvolvia naturalmente as suas "primeiras fidelidades a causa liberal".

Dois anos depois, a propósito da viagem do Imperador à Europa, aconselhava-o a que em vez de ir à velha Europa, fosse a jovem América, e não hesitava em afirmar: "Ao ver os Estados Unidos à frente do progresso industrial e moral, o Imperador compreenderia que as três podem bem ser uma hipótese, um luxo, uma superfetação. Ao ver uma sociedade, amplamente liberal e livre, governando-se sem rei, ele compreenderia que, em certas épocas, os povos podem dispensar qualquer tutela". Nessa linguagem há um mínimo de monarquismo e um máximo de republicanism; o artigo é quase-republicano, diria Nabuco em "Minha Formação". Nesse precioso livro de confissões, mais de uma vez, alude à proximidade, em que se achou, do republicanismo. E claramente explica: "O que me impediu de ser republicano na mocidade foi muito provavelmente o ter sido sensível à impressão aristocrática da vida. O efeito da sociedade, como a das artes e das letras, não era outro senão o de impedir o desenvolvimento do germe revolucionário que as leituras francesas dos vinte anos tinham deixado em meu espírito. Sem aquelas influências, entregue a meus próprios impulsos, do mesmo modo que o meu liberalismo mato degenerou em radicalismo, o radicalismo teria degenerado em republicanism.

Sem as influências negativas da imaginação eu teria sido levado até a república, como tantos que depois se arrependeram; aquelas influências me contiveram somente porque me desviavam-me de me distraíam da política".

Era natural, portanto, era de esperar mesmo o apelo que lhe dirigiam o Recife e Nazareth, nos primeiros dias da república.

Mas se, entre os que o chamavam a servir ao novo regime, algum verdadeiramente o conhecia, a esse não devia ter surpreendido a resposta de Nabuco.

"Conservo intacta — contestava ele — e, hoje mais viva do que nunca, a minha aspiração autonomista. Aos dois compromissos de minha carreira pública — a emancipação do povo e a emancipação das províncias — guardo a fidelidade das obrigações morais espontâneas. Sou, entretanto, forçado a pedir-vos que me dispenseis de associar-me à fundação da república, porque me considero para isso político e moralmente impróprio".

E enumerava as razões em que se fundava.

Essa resposta às mensagens do Recife e Nazareth deve ser atentamente lida, relida e meditada.

E' um dos mais belos documentos políticos, e, acima disso, um dos mais admiráveis documentos humanos de que se possa ufanar a nossa história. Nada lhe falta para constituir um desses padrões de dignidade, elevação e beleza que a triste contingência de nossa condição, e as duras contingências da vida, não permitem repetir-se senão de longe em longe.

E, como singular, que certamente não é noção corrente entre nós, o que da Resposta ressalta à evidência é a existência de qualquer incompatibilidade de princípios entre Nabuco e a república.

Tal convicção vai-se robustecendo cada vez mais, à proporção que conhecemos e sopesamos os argumentos adunados ali por seu egregio signatário. Com efeito, não diz ele: "Fui denunciado pelos zelotes da monarquia, hoje quase todos aderentes, como sendo um aliado da república pelo meu programa: — Abolição, Federação, Arbitramento?" E a seguir: "Não há dúvida que as três reformas eram todas passos para o ideal republicano, mas também eu nunca sustentei que a monarquia tivesse outro papel senão o de conduzir a ação àquela ideal?"

Não era perentório, afirmando: "Eu não me preocupava com a instituição, e sim com o povo?" E ao lembrar: "Todo o princípio digno de sentar-se no trono — tinha eu dito na Câmara — deve estar sempre pronto a perdê-lo quando essa perda resulte

do desenvolvimento que ele tiver dado à liberdade no seu reinado?"

Respira uma grande serenidade esse esplêndido manifesto da renúncia de Nabuco à atividade política, do qual, entretanto, ressalta que a república era também, o seu ideal. Por que motivo, então, indagar-se-ia, recusava servir nas suas fileiras? Ele o diz porque o país, em seu entender, ainda não estava preparado para essa alta forma de governo. Haverá pensamento mais claro? "Nada podia ser mais doloroso para mim do que a restrição que a minha razão opunha à corrente que arrastava a nova geração para a república, mas eu tinha a mais absoluta certeza de que era preciso um longo período de governo para o povo e com o povo antes de ser possível o puro governo do povo".

Mas, fosse como fosse, ou com essa restrição que significava a necessidade, simplesmente temporária, da monarquia, até que a república viesse a surgir como o fruto natural da liberdade amadurecida, ou mesmo sem restrição alguma, o fato é que, nos primeiros dias de 1890, Nabuco podia, com tranquilidade de ânimo, escusar-se de prestar o seu concurso à nova ordem de coisas, alegando a sinceridade de suas convicções monárquicas, e serenamente afirmar: "Convicções assim cóncluas do desinteresse e da pureza das origens não se mudam num dia. Se eu vos dissesse que os acontecimentos de que temos sido espectadores desde 13 de novembro me converteram a republicano, dar-vos-ia o direito de duvidar da minha sinceridade no passado, e, portanto, no presente. Infelizmente, meus caros compatriotas, não posso formar ideia alguma do que vai ser a república, nem discernir quais são, de tantas sementes espalhadas desde 15 de novembro, as que vão vingar e alisar o nosso solo político. Limito-me a não afirmar uma crença que ainda não tenho. Não sei se terei um dia, na república uma fé como a de Tomé; sinto-me, porém, incapaz de ter a de Pedro e de seguir o mestre desconhecido em um novo apostolado".

Os exemplos da América espanhola, dessas repúblicas de há quarenta anos em que a ordem estava ganhando terreno e os intervalos de patriotismo eram maiores, mas das quais se podia dizer que a sua lei era ainda um só vez viciada, a lei do externalismo material ou moral do adversário, e cujos personagens eram cumplices do despolimento ou auspícios políticos; o revés de que tivéssemos de atravessar também a via dolorosa em que a América latina se arrastava, desfealdada; a supressão, embora provisória, da liberdade "a qual, uma vez confiscada, não pode mais ser restituída íntegra, ainda mesmo que a aumentem; licara sempre o medo de que ela seja suprimida outra vez e com maior facilidade"; o golpe que cerebrea "a noção de legalidade continua", gerando um estado de pânico expectante, cheio de incerteza e apreensões — eram razões bem fortes para que, no seu espírito eminentemente conservador, a república não se afigurasse ainda aceita pela opinião.

"Sei — observava — que o país está resolvido a assistir com paciência, boa vontade e otimismo, às provas completas, da república para então julgá-la. Seria, porém, um paradoxo declarar-me eu convencido da possibilidade de uma república liberal somente pela supressão de todas as liberdades. Eu sei que elas foram suspensas com promessa de serem restituídas, um ano depois, mais amplas e florescentes. Mas, suprimir a liberdade provisoriamente para torná-la definitiva, é como a medicina que matase o doente para ressuscitá-lo não..."

A "Resposta" é de março de 1890. Seis meses depois, a carta ao "Diário do Comércio", com o título: "Porque continuo a ser monarquista", não é no mesmo tom; é amarga.

Na "Resposta", Nabuco parece ter tido por objetivo principal dar os motivos por que não se fizera republicano sob a monarquia, guardando, quanto ao novo fato, uma atitude de reserva, observador ainda, não julgador. Fora forçado a responder a uma interpelação prematura, pois que versava sobre o objeto que podia mais algum desenvolvimento, no tempo ao menos, para ser cumpridamente apreciado. E, dir-se-ia que, já então, naquele momento de tantas esperanças, ele alimentava o secreto desejo de que os fatos viessem desmentir o pessimismo de seus prognósticos. Da segunda vez, em que se pronunciou, a república já contava quase um ano de existência. A Constituição já adiantada. Perdurava, porém, a ditadura militar, e Nabuco não se conformava com ela. Entendia que o partido republicano no dia do triunfo abandonara as aspirações republicanas: "Os republicanos não chegaram para por no lugar da monarquia senão o governo militar, que representa um período de crescimento social anterior ao da monarquia parlamentar, e que não pode, em caso algum, preparar o país para a república".

E, respondendo à pergunta "Monarquista sem esperança de monarquia, para que serve?", diz, num incoíto desabato de asa dor patriótica: "Serve para não ser republicano sem esperança de liberdade. Sempre me pareceu que os republicanos sob o Império procuravam com o seu elevado sonho de república criar para si, dentro do país, que eles julgavam mal e interessadamente governado, um refúgio moral abstrato, uma espécie de Thebaida ideal, na qual pudessem respirar o ar de nossa terra e o outro um culto a parte, interno, nascido do meu coração, guardado e celebrado ali, no tabernáculo".

Certo, estas — e quantas outras! — notas deviam ressoar interiormente no crescendo daquela tempestuosa orquestração.

E, por maior que fosse o empenho de Nabuco de não revelar aquele tumulto d'alma, movido desse sagrado pudor com que as naturezas nobres buscam envolver num véu impenetrável as ansias que as devoram, ninguém se iludirá com a superfície tranquila em que se espalha, num ritmo musical, de largas ondas lentas, regulares, a perfeita medida do seu estilo.

E' a aparência... A serena beleza daqueles opúsculos e de quanto mais tarde reuniu, ou originariamente compôs, em "Minha Formação", a beleza, a harmonia, a que dele, rendida, — diria mesmo embalsada, — a atenção admirativa do leitor, não basta para desfazer o ambiente dramático em que aqueles escritos foram produzidos, e que interrompe a espaços, nas linhas e entrelinhas, concentra-se afinal na conclusão, dir-se-ia antitética, não, certamente, com a letra, mas com o espírito geral que deles se desprende.

Belas respostas, que muito devem ter feito sofrer — eis como exprimíamos a impressão daquela leitura, ao mesmo tempo que, entre atônitos e comovidos, tentamos preescrutir donde viria o poder ilimitado do espírito, mais alto ainda naquele raro exemplo do que no de Heine, ao fazer das suas grandes dores pequenas canções aladas... provas inconcussas, uma e outra,

E A REPÚBLICA

CONCIÊNCIA — James Darcy

de que o mais belo barro que sai das mãos do homem é o que é amassado com o suor do seu rosto e as lágrimas das suas aflições...

A verdade é que toda a produção político-literária de Nabuco naquela quadra sai de uma forja crepitante, e gerada — quem o diria? — na angustiosa perplexidade em que se debate a sua consciência de político, com seus deveres, seu destino e o homem, com todos os seus afetos, suas ligações no passado, seus preconceitos, a saudade do que pode ter desaparecido materialmente, mas vive e viverá sempre na mãe; uma dessas emocionantes crises que, em silêncio, porém tremendamente, revoltem e abalam tudo o ser.

Só, ao cabo de dez anos, quando a resistência a nada mais se podia agarrar, dissipados, um a um, os perturbadores fantasmas que a sua imaginação histórica, estética, afetiva, levantava, a embargarem-lhe, de todos os lados, o passo, — afinal, como ele escreveu da princesa imperial, às vésperas do 13 de maio "uma voz interior disse-lhe que desempenhasse a sua missão a voz divina que ne faz ouvir sempre que um grande dever tem que ser cumprido".

Só então cessou o pertinaz conflito interior, digno da alma grande e profundamente humana, em que, por tão longo tempo, tumultuava.

Como é estranha em alma daquele porte a desproporção entre certas causas e seus efeitos!

Donde provinhem, em verdade, tantas dúvidas cruciantes? Qual a dificuldade irredutível, a impossibilidade que recusava a paz a aquele espírito conturbado?

Haveria então a monarquia e a república um desses abismos que não se podem transpor? Teria vivido Nabuco tão achegado ao trono que padecesse da nostalgia do poço?

Ser-lhe-ia espiritualmente irrespirável a atmosfera do novo regime?

Não. Nada disso havia. Mas, havia alguma coisa que para certas naturezas é, como para outras e em sentido contrário, a atração do abismo.

Havia o esplendor moral que cerca os vencidos, que calram sem indignação.

Havia a imagem dramática dos seus destropados, nimbada na prestigiosa melancolia do exílio; a ingenuidade da sorte; a tristeza de ver, sem protesto, as mais nobres plantas humanas inexpugnavelmente arrancadas, com todas as suas raízes, do solo nativo; havia o sentimento de que, além de muitos outros, um juízo se purificava.

Possuía dizer que sinto hoje a triste consolação deste desterro na própria pátria não me dizendo repubblicano, o único título em nossa política que eu algum dia invejei".

Apesar do desconso com que esta comovente declaração e, em certa, há, nesse escrito, mais combatividade do que na "Carta ao Almirante Jaceguai" (O Dever dos Monarquistas, 1896, e de 1896, toda ela repassada de funda tristeza. Ao chegarmos às últimas linhas, solenes, lapidárias, clássicas como as dos modelos perfeitos da grande antiguidade, vem-nos a impressão de que Nabuco acredita que não abandonara mais a postura — diríamos histórica — em que ali se nos apresenta e a sua palavra repete-se apenas, daí por diante, como um puro eco do passado: "O dever dos monarquistas gineiros, quando mesmo a monarquia estivesse morta, seria morrer politicamente com ela... A influência que os que restam podem exercer é toda moral; e guardarem fidelidade aos seus princípios e ao seu partido... Quando o convidaram durante o Império a subir outra vez ao pulpeiro de Notre Dame, Lacordaire recusou.

Eu compreendi, disse ele depois, que, em meu pensamento, em minha linguagem, em meu passado, eu também era uma liberdade e que não me restava senão desaparecer com as outras..."

E, quando se lê a exortação que, evocando o 2º José Bonifácio, primus inter pares, Nabuco dirige ao glorioso marinheiro do Humaitá: — "Cada individualidade, que se ilustrou na história de um país, fica limitada, aos olhos de todos por um traço de imaginação que, como o rego primitivo das cidades antigas, lhe é quase vedado atravessar sem sacrilégio" — e, depois, rememora a proa do "Barroso" como o "rosto aonde a grande bandeira da Marinha brasileira há de sempre furar ao pensamento, ao entusiasmo, ao patriotismo", dir-se-ia que a ele, Nabuco, imobilizado já, ali, eternamente, no mármore da tribuna da abolição, ciosa da sua glória sem partilha, se endereçavam as palavras fatais: tu não darás mais um passo na vida pública; tua missão política está cumprida e nenhuma outra valerá aquela...

De resto, não fora ele mesmo quem, para exaltar a inação de Bagequedo, durante a revolução chilena de 1891 formulara este pensamento magnífico: "Nada há que paralise tanto a ação individual como a glória".

Sim; tudo isso é verdade, de uma alta e profunda verdade. Mas, quem — senão Deus — conhecerá o segredo e a medida das almas? E que outro senão aquele único poder, logrará marcar limites ao destino de cada um e de todos? — assim de que irrefragavelmente se cumpram como tem de ser cumpridos?

Desde as mensagens dos céntrios que o elegeram na monarquia até os últimos apelos isolados, a todos quantos, durante anos, o convocavam à vida política sob a república Nabuco respondeu: não; ou antes, opôs o mesmo non possumus. Mal avisado andaria, entretanto, quem não percebesse, por sob a constância da negativa, a tempestade que se formava e evoluía até tumultuar, dentro daquela alma de brasileiro, apaixonado da sua pátria. A qualidade das almas daquele quilate, ricos de tesouros raros, trux insista a condição do sofrimento a que não escapam, colorosa marca da grandeza.

O depósito imenso que jaz e se renova nesses reservatórios profundos é formado da contribuição incessante de elementos de procedências várias, não raro contraditórias: amor da pátria e admiração do mundo; severas imposições do dever político e tenazes afetos cujas raízes se entrecruzam nas fibras mais íntimas do coração e não se arrancam sem levá-lo em pedaços; idealismo e realidade; a lição da história e a fascinação das grandes lendas; o dever e o querer, o pensar e o realizar...

Ainda enquanto as imprudências, os erros e as crimes do novo regime davam argumentos a Nabuco para não entrar em contato com os dirigentes do momento, conseguiram abafar e conter as imperiosas prescrições da consciência que lhe não con-

sentiam quedar-se tranqüilo, como espectador egoísta, à margem da corrente, o conflito interior se renovava.

Mas, depois?... Passara o tempo da grande provação. As novas instituições tinham recebido o batismo do sangue generoso que corria em sua defesa. O último desesperado esforço contrário expirara com o sacrifício de Soldanha em Campo Osório.

Lavada nas lágrimas de incontáveis sofrimentos; purificada, como os antigos templos, no sangue dos mortos e feridos por um iluminado pelo casto clarão das chamas do entusiasmo e da fé que a sua defesa suscitara nos ardentes batalhadores, a república, mais amada e mais bela do que ao nascer sem esforço, surgiu, ao resurgir, transfigurada e mais bela do que ao nascer, com a paz, com a paz a bel nexoável que impõe o tributo da dor a todo o tráfego humano.

Por outro lado... de figuras radiantes desse passado tão próximo restavam apenas imagens dolorosas, umas curtindo ainda o seu martírio, outras chamadas já ao eterno descanso. Todos, porém, se haviam sacrificado; justa ou injustamente, tinham perdido...

As audiências, os impérios leoninos de Deodoro, para o fim, se haviam convertido numa tristeza sem remédio. Resignatório ao poder, apagando-se, desolado e calado, até se extinguir na solidão de um exílio dentro da pátria, mais impressionante que o do imperador.

Foriano, inexorável na defesa da legalidade, o caboclo enigmático que compra uma vez o seu mutismo sinistro, minaz, para desfechar sobre o estrangeiro gêmeo o seu formidável "a bala", o conselheiro o Marechal de Ferro, sentira esvaírem-se-lhe as energias, dia a dia, minado por uma enfermidade cruel...

Prudente, o varão austero que presidia a Constituinte, primeiro presidente civil da república, alvejado pelo ódio jacobino, escapara da morte milagrosamente.

Campos Sales, que emprendia uma obra imensa de reconstrução nacional, promovendo com fé, coragem e perseverança inextinguíveis, o verdadeiro renascimento do país, carregava a sua cruz entre ataques e injúrias até que, ao descer as escadarias do poder, onde fora, por espaço de quatro anos, a sentinela da honra e do crédito nacionais, na hora em que deveria ser coberto de palmas e flores, espelhassem-no, para ignorância ferida, a ingratitude, a inveja, a mais revoltante ingenuidade.

Deviam ser argumentos suscetíveis de mover uma alma como a de Nabuco.

E o foram.

A tanta luta, a tanta dedicação, a tantos e tão sobre-humanos esforços para vencer as dificuldades de toda ordem que nos primeiros anos se acumulavam sobre o caminho da república e recimavam o concurso geral, especialmente dos melhores, a todos aqueles sofrimentos, que eram do domínio público, correspondia no silencioso recesso de uma consciência vigilante de brasileiro, um drama interior de tamanha intensidade que as suas proporções não se antecipavam em face da grandiosa dimensão dos outros, cujos papéis tinham coberto as primeiras figuras da cena política da época.

Na consciência de Nabuco as eternas interrogações repetem-se indefinidamente, e cada vez mais cruciantes. Devo, ainda agora, e depois de tudo, continuar fiel à monarquia, da qual o mais que pode restar hoje é apenas uma saudade?

Pois, ainda assim, esquecer a monarquia que se sacrificou pela liberdade, meu ideal, meu apostolado, minha gloria?

Devo servir à república que, afinal, é o governo legal do meu país, e hoje parece nullo pela opinião?

No fundo, não sou eu mesmo, não fui sempre, um republicano?

O que me restava cumprir do meu programa político, não o realizei a República? Terrei errado nos meus vaticínios? Terrei sido temerário? Terrei força para continuar dissociado da sorte política do meu país?

Identificar-se com ele não será o meu dever de atividade, ato recente de imensa bondade recebera como prêmio a ingratidão nacional; havia uma atrozidade revuolvida da fortuna, em virtude da qual o imperador que, sem pai, nem mãe fora adotado pela nação, tendo como tutor o patriarca da Independência, após cinquenta anos de serviços, em que fora, com honradez e devotamento, o primeiro funcionário público do Brasil, era arrojado a um destino incerto e imercedo. Sua doce figura patriarcal, mais abandonado, mais fragil ainda do que no dia em que, orão, a nação o tomara nos braços, aparecia, de longe, errante, sob uma quixia, cruzando as estradas do estrangeiro, com uma figura esquelética...

Havia uma coisa que terá nome de romantismo ou sentimentalidade, em certos casos até de suicídio, que pode ser chamada de muitas maneiras e desconhecida por muita gente, mas, que, para outros, é a suprema honra da nossa espécie: — a solidão — a degradação.

Havia uma infinidade de outras circunstâncias; havia para uma criatura como Nabuco um mundo que para outros, talvez, nada fosse.

A humanidade é assim mesmo. Muitos homens são antipodas morais, uns dos outros. Não houvesse essa extrema variedade e a forma humana não seria tão pitoresca.

Pode ser um erro político a identificação, na véspera do perigo, com o que ameaça ruir. Mas, em política, a superioridade moral é muitas vezes uma inferioridade capaz de tornar inválida, naquela ingrata estrada, os mais válidos.

Felizmente, o homem verdadeiramente homem pode encontrar muitas compensações, entre as quais esta com aparência de paradoxo; um naufrágio político vir a ser uma redenção moral.

Não era evidentemente o caso de Nabuco, tratando-se do qual não seria admissível falar de naufrágio, em nenhum sentido. Mas, a sua medida era excepcional.

Ele era desses que encontram, às vezes, mais beleza na derrota do que na vitória e tinha ombros, e porte e grandeza tais que neles uma renúncia assentava com o esplendor de um mau-to real.

Ele pôde dizer, sem ser contraditado: "Durante minha carreira, movi-me sempre por algum magneto moral; meus erros foram desvios de idealização; eu nunca teria podido confessar

(Continúa na página 54)

Joaquim Nabuco

O ministro Mangabeira, concorrendo ao leilão dos livros de Joaquim Nabuco, arrematou num só lance a biblioteca do grande tribuna e do fino diplomata e homem de letras que era Joaquim Nabuco.

Foi admirável essa inspiração do ministro que assim recolhe ao Palácio do Itamaraty esses últimos despojos espirituais do grande brasileiro.

Escrevi que são os seus "despojos espirituais", porque os livros representam alguma coisa dos que passaram a vida a meditar-los.

— Dize-me com quem andas e eu te direi quem és.

O livro é esse testemunho colante da boa companhia.

Assim é que na biblioteca, feita e refeita de Joaquim Nabuco encontra a coerência e a inconstância ao mesmo tempo da sua vida cavalheiresca, errante e amorosa de todos os ideais da religião e da pátria.

Fosso, por alguns dos seus livros, reconstituir algumas das suas inclinações e dos seus projetos que não conseguia realizar sob os múltiplos que fazes do ofício.

Em 1891 em Londres, dirigia a missão de que havia de ser árbitro o rei da Itália, e sem embargo do enorme afaz que bastaria para absorver as suas forças, eu vi que ele, pouco a pouco, reunia os elementos para um livro que decidira escrever acerca da opinião dos estrangeiros mais ilustres sobre o Brasil.

Dessa ideia que se amadurecendo em seu espírito encontrou a documentação na sua biblioteca; os resumos de Wallace, o Emílio de Carvalho, as de Bales, de senhora Azevedo, os pitorescos itinerários de Gardner pelo sertão de norte a sul, os narrativos de Saint-Hilaire, as de Pohl, as de Wells, Koster, e tantos outros, que por aqui passam e e convertem-se em interior ou na orla marítima com a nossa gente.

Seria uma obra maravilhosa como só ele a poderia escrever com a linguagem imponente e a elegância do seu estilo renascentista.

Conheci as preferências de Joaquim Nabuco pelos escritores conspícuos do seu: Chateaubriand, Benjamin Constant no seu "Adolphe", Merimée e o próprio Renan, grande mestre que ele contradizia por excesso de amor e admirava, e notava acima de tudo era Joaquim Nabuco um homem de letras.

Na Academia Brasileira ele tinha o "metro" acadêmico, os quarenta, com a eloquência de um a palavra escolhida sobre um mercedário ignoto, aliás, certo nas sombras do futuro.

A noção exortativa se lentamente da realidade e o seu erro de cálculo cada vez mais se reduzia com o correr do tempo.

Assim, pois, aodesmos da Harvard, impenetrável e mutável necessariamente, reconstituir a imagem do grande escritor, do poeta, do diplomata e do homem de espírito que ele foi.

As suas ideias peregrinavam pelo Velho Mundo e pela América não destruíram o núcleo mais característico dos seus companheiros de digna e de estado.

JOAO RIBEIRO.

PENSAMENTOS DE

JOAQUIM NABUCO

Les esprits vraiment supérieurs sont des lampes toujours allumées en soi-même. (P. 131).

La haute pensée est triste et solitaire. L'orgueil de penser n'est que l'art de bien dire. (P. 131).

La grande pensée est solitaire, aride, comme l'air des niges. C'est une douleur d'enfermer des grandes choses. Elles sont toujours, quand elles doivent regner, le prix de la vie et le caustique de l'arrogance plutôt que du plaisir. Ce n'est qu'en tremblant que l'homme peut se sentir immortel. (P. 131).

On s'arrête d'admiration devant les rochers et on ne donne même pas un regard au rocher. (P. 126).

(De Pensées détachées).

Correspondência de Joaquim Nabuco e João Ribeiro

Rio, 10 de maio 1898.

Meu caro dr. Nabuco.

Recebi sua delicada cartinha de 7 e o opúsculo da Bibli. Nacional; adiei a resposta para agora, afim de juntar aqui as informações que há tempos me pediu sobre algumas gravuras que possui. Eis a que eu pude indicar:

1. — Antonio Peretti. La Bella di Tiflino.

Há duas edições desta gravura, diferentes, ambas em gr. in-folio. A 1.ª edição é de Pal. Pitti 1868 e dela há 3 estados. O 1.º estado é uma *épreuve de remarque* (1). O 2.º estado é antes de toda a letra (avant toute lettre) e o 3.º estado contém as grmas e nomes dos artistas.

A 2.ª edição é de Pal. Sclarr. Colonna. Gr. in-folio, 1.º estado (épr. de remarque), 2.º estado: nomes e armas dos artistas. O 1.º estado é de grande valor.

2. — Calamatta. La Cenci.

Encontrei descrita uma emissão de Goupil, 1857. Não tem estados distintos.

3. — R. Morghen. As Filhas de Loth.

Morghen gravou vários assuntos do Novo, mas só esse do Velho Testamento, in-folio. Tem 3 estados: 1.º estado, antes da letra (só com o nome dos artistas); 2.º est., letra aberta; 3.º estado, letra fechada (2).

O *symposion* de todos os dias tem estado brilhante e agora mesmo incandescente com o assunto novo da guerra. A derrota da Espanha é sempre dada como certa e eu não me posso conformar com essa evidência porque eu luto por acreditar na justiça que a meu ver já desapareceu da história com o triunfo dos rudes e dos humildes. O verdadeiro drama do cristianismo começou no século XVIII; tudo quanto houve antes foi um prólogo. Se eu me sentisse cristão, estaria alegre com essa glorificação de todos os adventícios que é o caráter da história contemporânea. Mas não posso conformar-me com isso, e cada vez mais me sinto obrigado a refugiar-me entre os gregos e os romanos. São eles agora os meus autores, os meus filósofos e os meus poetas.

O adeus do amigo, admirador

JOÃO RIBEIRO

11, maio 1898.

P. S. — No *Symposion* de ontem eu levantei a questão académica de que não se devia dizer "mar bigodes", frase que estava no "Paiz" do dia e sempre ocorre nas gazetas. Todo o mundo foi contra mim e eu fui literalmente esmagado. Que poderia eu sustentar contra talentos tão brilhantes como os do Lucio, Je. Verissimo, Machado, Tannay... que aqui estavam? Não pude nem souber defender-me. Mas não estou convencido. Minha pena nunca escreverá semelhante frase — *mar bigodes*! Ao meu parecer, só se usam coisas postizas; mas aquilo que é orgânico, nasce em nós, é do nosso corpo ou da nossa alma, pode ser objeto de uso? O uso deve estar ao alcance de todos. Mas poderia uma criança ou uma mulher usar bigodes? Acho a expressão repugnante e ilógica.

Fora dessas coisas intelectuais não tenho nenhuma notícia a dar-lhe. A política continua sempre a mesma, isto é, absorvida a regular os interesses da confraria numerosa o faminta; nesto sentido eu acho que eis, ao menos entre nós, não passa de um socialismo imperfeito, isto é, vive dos seus empregos e vive para eles; a única

sabedoria da república foi quadruplicar os empregos e por aí aumentar o seu exército em pé de guerra.

Ainda uma vez adeus. Muitas saudações minhas e de todos.

J. R.

Rio, 10 de março de 1899.

Caro dr. Nabuco.

Aceite as minhas sinceras felicitações pela sua nomeação. Não sei dizer-lhe o prazer que me causa essa escolha tão feliz e tão digna.

Saudações do amigo afetuosamente

JOÃO RIBEIRO

Exmo. sr. dr. Joaquim Nabuco.

Saudações. Não me foi possível comparecer à festa que os colaboradores da "Revista Brasileira" consagraram a v. ex. em sinal de afetuosa fraternidade que a todos nos une.

Nada me doí tanto como essa involuntária omissão, que enfrentando espero e desejo resgatar noutro momento e por outra forma.

De v. ex., amigo

JOÃO RIBEIRO

Rio, 1.º de maio de 1899.

Londres, 7 de novembro de 1900. Meu caro amigo sr. João Ribeiro.

Com que prazer teria eu arranjado a sua vinda para esta comissão, ou missão, se o senhor mesmo não me tivesse mandado por nosso amigo Graça Aranha uma recusa preventiva formal! Depois as coisas tomaram outra feição e neste momento não vejo como poderei eu satisfazer um desejo que nutro desde o princípio. Não me zanguei com a proibição que mandou. Ninguém melhor do que eu conheço os elementos que concorrem para tornar o seu talento tão interessante e tão cheio de mistério e de nuances, e para mim, dentro da amizade e da simpatia que me tem mostrado, o senhor tem todos os privilégios.

Creia que, se a sua proibição não intervier de novo, terei grande prazer em conspirar com o senhor para uma nova fuga sua à Europa, ainda que por pouco tempo. Por pouco tempo, é mesmo como deve ser sempre.

Não sei para onde mandar-lhe diretamente esta carta. Recorro por isso ao intermédio do mais amável dos homens, o nosso Paulo Távares.

Diga-me o que está agora fazendo e o que é que o atrai e o prende. Muito lhe agradeço a remessa do seu precioso livro e a parte que nele me deu. Creia-me sr. muito afetuosamente.

Joaquim Nabuco

Ainda não lhe mandei "Minha Formação" por causa do endereço que me falta.

Rio, 10 de dezembro de 1909. Meu caro amigo dr. Nabuco. Li e reli a sua esperada carta de 7 de novembro que tão agradavelmente me foi.

Tem, na verdade, o dr. toda a razão contra as minhas incoerências. Com os meus amigos sou eu felizmente quem nunca tem razão. Mas como poderia ser de outro modo? Todos eles me são de muito superiores.

Passo por alto sobre essas volubilidades com essa grande condescendência que já entendi na sua vida e nas suas obras. Não me falta, porém, de proibição ou recusa preventiva da minha parte. Teria eu o direito de fazê-lo? Não sempre: teria eu quem pedisse ou cessasse de pedir.

Para a diplomacia creio que não servirá nunca; para uma comissão de pouco tempo e modesta posso ainda servir. E creio que será este o caso.

Não hesite um momento em conspirar comigo, como costumava o diz, para minha nova fuga à Europa. Como sul-americano, agradeço-me as conspira-

ções, com o racismo — e na minha qualidade de lusitano estou sempre pronto para as circunstâncias...

Não são pois desejos nem disposições que me faltam.

Ando por aqui muito desempregado e sem fazer nada. E como não há nada que ver, o tédio reflete-se e multiplica-se ao infinito como entre dois espelhos. Pela ausência desses dois termos da vida, planejei um livro "Nem eu nem o mundo". Mas não passei do título; e com razão, porque o livro devia ser em branco.

Não creio enviar-me a sua poética Formação. Não deveria ter ali muitos exemplos, ali onde lhe serão precisos e nunca bastantes. Já a li na Revista e reli agora na edição completa. Escusado é dizer o que penso de tais páginas que bolem como se fossem vivas; o senhor é sempre excelente ou num livro ou numa simples frase; algumas destas podiam ser inscrições.

Muitos dos seus pensamentos andam ali agitados, incolores e divididos por mim e por outros dos seus epígonos e mais duplos — mas a crítica sabe o fundo onde estão os cristais verdadeiros.

Ontem, domingo, fiz crismar

três filhos. Conquanto eu não tenha religião conhecida, e dela só me calha a parte que anda no ar e cabe a todos, senti uma grande alegria e satisfação que me apaz comunico-lhe.

Não quero mais fatigá-lo de mim. Mas a meu despejo pedindo que disponha do

Amigo obscuro e obg.

JOÃO RIBEIRO

O meu melhor endereço é a Livraria Cruz Coutinho, R. de São José, 76 — que foi a editora do meu último livro e onde tenho negócios.

Os antigos, Gínasio que está em férias, e Cunha, Quitanda, 24, ainda servem. O José Verissimo demitiu-se do "Diário Oficial" de modo que não há mais, de momento, ponto de reunião dos académicos.

Marselha, 25 de junho de 1901.

Amigo exmo. dr. Nabuco.

Muitas saudações. Passei tão rapidamente pela Europa do Norte que perdi a ocasião de ir a Londres, onde desejaria cumprimentá-lo.

É que conforme expliquei em carta ao Graça Aranha, já não posso viajar só e longe da família, de modo que reduzi essa excursão a um vol d'oiseau.

Mantenho a esperança que a sua bondade me proporcionará, de voltar um dia se me forem concedidas as vantagens essenciais para que me mova na minha área com todos os meus. Talvez seja isso possível mais tarde. Pode ser que vague qualquer consultado, não longínquo, e a lembrança do meu nome por sua boca será decisiva.

Continuo lá-bas sem fazer coisa alguma, mas sem desposar. O que faz mal no Brasil é a monarquia e a perpetuidade para quem tem qualquer sentimento de artista ainda que embrionário.

Adeus, sr. dr. Nabuco; de longe acompanho a sua carreira e peço-lhe que disponha para o que quiser do

Admirador amigo obg.

JOÃO RIBEIRO

Rio, 28 de março — 03.

Caro amigo dr. Nabuco.

Tive hesitações em começar esta cartinha que estou escrevendo por se tratar de questão e de interesse muito pessoal.

Val para uns três meses que formulei ao Barão do Rio Branco o pedido de um consulado, sem designar lugar; — e tão mal a gente se conhece a si própria que não sei dizer, em verdade, de que modo teria sido recebida a minha pretensão.

Estou, porém, que em qualquer caso não lhe devia ocultar ao amigo pois pode ser que não lhe seja importuno e antes sei

que lhe será agradável auxiliá-

re naquela pretensão.

Conheço as minhas falhas, mas não hei de argumentar com elas para me fazer mal a mim próprio. E contra elas haverá talvez algumas compensações mais sólidas.

A verdade, sem lamúria, é que muito mais que pessoal, é esta questão aliada ultra e vale até os meus filhos que são cinco já, e não os posso educar...

Aqui nada há que eu possa querer, maxime agora com as desacomunicações. Por todas as razões, pois, da física e da metafísica, me fiz pretendente...

Não designei, nem podia designar, o consulado que me convinha. Exceção às duas Américas, qualquer lugar secundário na Europa, como, por exemplo, Trieste, me serviria cabalmente e até preferentemente a outros. Serei tão despedido que envergonhe o Brasil em Barcelona ou em Marselha?

Espero, pois, que o meu caro amigo me recomende (escrevendo diretamente) ao Rio Branco; e diga bem do seu próximo conforme mandam os Evangelhos.

Estou avisado para receber um exemplar de sua Memória; mas não foi ainda distribuído. Daqui lhe agradeço a lembrança.

Minhas respeitadas saudações a s. exma. senhora e disposta do obscuro amigo.

JOÃO RIBEIRO

21 — 1903.

Canes, maio, 21 — 1903.

Meu caro amigo.

Quisera poder auxiliá-lo na sua pretensão, mas com que pesar o faria! Deus o favorece com a saúde, e para quem tem saúde, é e um mestre, desterrar-se, sobretudo com filhos, é sempre um erro, porque não há terra tão boa, tão doce, tão generosa como a nossa. O seu lugar é aí. A sutileza, a variedade e a originalidade da sua feição literária em parte alguma seriam tão bem apreciadas, e, em qualquer meio que, não lhe fosse inteiramente simpático e, deixe-me dizer-lhe, vassalo seu, degeneravam, desviavam-se, atrofiavam-se. Falo pelo seu papel, que será muito grande ali. E os filhos! Como crescem eles sem raízes, sem expansão exterior, sem relações naturais, sem as inúmeras rações da terra natal sobre o desenvolvimento harmônico e a personalidade nacional, racial, do homem?

Confie na conquista que o seu talento há de por fim fazer de todos, como já fez dos que beam a intuição do que é grande e singular sem que a nomeada primeiro a desperte. Uma carta minha ao Rio Branco de navia valeria, onde a sua aspiração não bastasse por si mesma. Ele é ambicioso de agradar aos homens que representam, como o senhor, a suma e o cume da intelectualidade brasileira. Para mim, porém, seria uma extraordinária violência escrever-lhe naquele sentido. Não quisera ser cúmplice nessa expolição, nesse atentado contra as nossas letras, e o nosso pequeno patrimônio intelectual. Se uma carta minha servisse, esta serve, mas, pelo amor de Deus, não a mostre, não me associe a esse banimento, que por ser voluntário é ainda mais odioso para o governo que se submeter a ele. Se quer sair do Brasil, faça-o sem a responsabilidade dos que o consideram uma das superioridades e o orgulho da nossa terra.

O Graça escreve-me sobre a sua colaboração no "Correio da Manhã" e sobre a reação clássica portuguesa de que levantou a bandeira. Suas opiniões são estados de espírito, e por isso no futuro far-se-ia no futuro, (sic) uma vez produzidas todas elas, o mais sedutor dos Diálogos, umas argúndas e respondendo às outras, todas com a vantagem do seu talento.

Do seu amigo e colega af.

Joaquim Nabuco

Rio, 20 de junho, 1904.

Caro amigo dr. Nabuco.

Esta vai como outras muitas que terá recebido, para dar-lhe uma prova da simpatia que aqui foi universal pelo seu esforço e pela beleza da sua posição, na questão da Gulana.

Não é pois uma impressão banal, nem sequer minha, a que exprimo: por toda a parte, na rua, no bonde, nas escolas, entre todos os grupos de homens que conheço, frequento ou quero eu, vi e ouvi e senti o aplauso ao patriota e ao grande brasileiro.

Considero, pois, que foi um triunfo e coisa igual confesso que nem esperava ver e, de fato, nunca vi.

Aqui estou como sempre, seu admirador e seu obscuro amigo e da ordena.

Abraço ao

JOÃO RIBEIRO

Peço-lhe que obsequiosamente dê os meus louvores ao Graça Aranha, que aliás consta por aqui que deve em pouco voltar ao Brasil.

J. R.

Londres, 10 de abril — 1905. Meu caro amigo.

Muito lhe agradeço os seus parabéns e o petulante autógrafo que me mandou no "1.º Volume" das minhas "Obras" aos 15 anos. Onde o foi descobrir? Essas trações são das que justificam o antigo voto: "Livre-me Deus dos meus amigos que dos meus inimigos me livro eu!" São os amigos que conservam tudo que pode um dia nos fazer mal. O senhor, porém, é um amigo de quem não é preciso a gente livrar-se e que, pelo contrário, corrige as trações dos outros.

E como vai? Não tenho notícias suas, nem diretas, nem indiretas há bastante tempo. Não o creio consumido pelo fogo sagrado, mas antes deixando as impressões da vida o apagarão pouco a pouco. Há um certo pessimismo no seu modo habitual que me faz recear que seja esse o caso. Agora uma viagem me pareceria um refrigerio. A morte das ilusões atua sobre as fontes do talento genial como a destruição das matas sobre as dos rios. Nesse caso, que é o caso, uma viagem à Europa (aconselho a Sicília) faria o efeito das chuvas no sertão, faria reviver aquelas ilusões, evitando assim a desolação moral da seca. Ou, pelo contrário, esta carta o encontrará em pleno otimismo, em plena renascença! Deus o queira! Saiba que o inserevo muito alto no nosso ativo intelectual.

Do seu muito sinceramente

Joaquim Nabuco

Washington, 5 dez. 1905.

Meu caro amigo.

Muito lhe agradeço os seus volumes. Agora chega-me "Páginas de Estética". Há sempre nelas um *bombon* para mim. Creia-me, não tenho tempo para ler senão a sorvos tão espaçados que são antes uma privação do que um gozo. Mas é que o senhor é desses a quem o leitor se tem que dar por inteiro, sem nada reservar do seu tempo. Da sua atenção, da sua emoção, e ler assim é coisa que há muito me é proibido. No fundo, isso é trocar a própria natureza e alma pela do autor que nos fascina. O senhor a cada instante está trocando a sua com a dos seus autores favoritos para a reaver logo depois mais rica, mais disposta a criar, mais vibrátil e mais imaginativa. Isso na minha opinião da vida cansa-me muito. É uma infidelidade ao meu ideal que devo tornar exclusivo, mudando-o entre as minhas quatro paredes. Saiba quanto o admiro.

Do seu muito afetuosamente

Joaquim Nabuco

Telegrama — Urbano, 17 de

A. Joaquim Nabuco — Hotel

dos Estrangeiros.

Saudações íntimas pela sua

(1) Em gravura, uma *épreuve de remarque* é aquela em cuja margem (fora da gravura) ocorreu uma grav qualquer de detalhe, um emblema ou qualquer figura gravada. Era uso antigo tratar o artista qualquer assunto fora do quadro, nas margens, a modo de enredo. Esses estados são sempre de muito valor e raridade.

(2) Letra aberta (leltre ouverte) designa que apenas foi traçado o contorno, por exemplo, A, B, ... etc. Letra fechada é o contrário, como se vê em A, B, etc.

CORRESPONDÊNCIA DE ESCRITORES:

Carta de Joaquim Nabuco a Graça Aranha

3 Jan. 1902

52, Cornwall Gardens

Meu caro Dr. Graça,

"Feliz Paris!" é o que lhe desejo e ao seu amavel bed-fellow. As suas indagações têm em vista a importância da pressa imediata, de serem os livros impressos, como jornais, da noite para o dia, e que a maior parte da impressão seja feita em Portugal. Já agora para a documentação ou adoptar a forma "blue-book" para haver uniformidade com os volumes ingleses e pela quantidade de matéria, desde que o documento tem que ser produzido na integra. Conven garantir-se também que os documentos me serão enviados tão limpos como eu os mando. Não

estou disposto a tirar nova copia das copias de Lisboa para imprimir.

Desejo que acabe Shanaan e também que o "sucesso" não o inflame para outro emprego igual enquanto não tiver acabado do Rio Branco.! Se o amor que me teve o Sr. não se consolaria ao futuro, se eu ficasse estendido na estrada pelo peso de carga alheia. Ganharia forças portanto para pôr a sua Secretaria em pé de guerra. De outra forma eu não entrarei na Terra da Promissão. Ficarei, como dizia o Machado, na da Pro-Missão. Affectuosas recordações ao Domício e ao Delgado.

Seu de coração,

Joaquim Nabuco

3 Jan. 1902.

52, Cornwall Gardens

Meu caro Dr. Graça, "Feliz Paris!" é o que lhe desejo, e ao seu amavel "bed-fellow".

Nas suas indagações tenha em vista a importância da pressa imediata, de serem os livros impressos, como jornais, da noite para o dia, e que a maior parte da impressão seja por enquanto em Portugal.

Já agora para a documentação vou adoptar a forma "blue-book" para haver uniformidade com os volumes ingleses e pela quantidade de matéria, desde que o documento tem que ser produzido na integra. Conven garantir-se também que os documentos me serão enviados tão limpos como eu os mando. Não estou disposto a tirar nova copia das copias de Lisboa para imprimir.

Desejo que acabe "Shanaan" e também que o "sucesso" não o inflame para outra empresa igual enquanto não tiver acabado do "Rio Branco".! Pelo amor que me "teve" o Sr. não se consolaria no futuro, se eu ficasse estendido na estrada pelo peso de carga alheia. Ganharia forças portanto para pôr a sua Secretaria em pé de guerra. De outra forma eu não entrarei na Terra da Promissão. Ficarei, como dizia o Machado, na da Pro-Missão.

Affectuosas recordações ao Domício e ao Delgado.

Seu de coração

JOAQUIM NABUCO.

Antecipação da posteridade

(Continuação da página 55)

Influência, a sua ação formativa, reparadora, em todo o caso consador, em nossa vida pública e em nossos costumes nacionais, no fundo transmissível da sociedade".

Foi todavia uma brilhante mocidade, cheia de curiosidade e estudo; não foi a adolescência entregue, sem freio, no arrastamento da ambição e da audácia.

Quanta advertência, quanta lição proveitosa à vida pública, ao mesmo tempo para os velhos que se pejam de bater nos peitos, renunciando os erros inevitáveis e para os novos que presumem demais, com ingenua e limitada confiança, da "infabilidade" dos seus verdades ance!

PENSAMENTOS DE JOAQUIM NABUCO

Il n'y a que deux sources d'inspiration et de poésie pour l'homme: Dieu et la femme (P. 87).

Les livres des jeunes placent comme un beau matin, mais les livres qui façonnent sont l'œuvre de la vie même (P. 118).

Le monde est aux ambitieux, mais la vraie ambition sera un jour d'être humble (P. 122).

(De Pensées détachées)

o seu pensamento. É um caso de simpatia. Intellectual mais que outra coisa, mas o senhor e o Graça são do metal de que se eu não fui, quisera ser feito.

Tudo seu muito sinceramente J. Nabuco

Guarde para si o que lhe digo sobre a citação do Veríssimo.

(NOTA — As cartas de Nabuco a João Ribeiro pertenciam ao arquivo deste escritor. As de João Ribeiro foram nos cedidas, e a copia, por gentileza de d. Carolina Nabuco. — M. L.)

chegada nesta terra que o adora.

JOAO RIBEIRO

Rio, 1.º setembro — 06.

Caro dr. Nabuco, Recebi há poucos dias o seu grande livro que já li, estou relendo, e hei de refer sempre, porque de cristal como é, há sempre centelhas novas a cada luz que se mira. Não o reli ainda na hora melhor porque estou vivendo num crepúsculo, adocicado como ando, com a saudade mal ferida e abalada.

Hoje como V. diz, je ferai du fiel, même avec le parfum des roses. E proveerei para o Almanaque Garnier de 1908 (que estou ditando e cujos originaes se devem preparar no mês próximo) alguma coisa sobre sua obra entre tão cheia de primores, tão transbordante de ideias, tão abundante e infinitas... Conto que não posso ir talvez até onde ela vai e fico onde me surpreende a primeira vertigem.

A principio, com alguma preocupação, não gostei de ver o seu livro escrito em francês; mas logo reconheci o meu erro; nem a nossa lingua nem o nosso país, todo de baixo do sol, tem a abundância de sombras es-

enciais a tão delicados matizes.

No seu livro eu vi flores de neve e ouvi o rouxinol.

Por este prazer, aperta-lhe a mão o agradecido amigo

JOAO RIBEIRO

Rio, 20 junho de 1903.

Grande amigo dr. Joaquim Nabuco

Passando, ontem, pelo Garnier recebi um número do "Washington Post" que me mandou. Já antes havia lido e relido a sua admirável conferência de Yale sobre o Camões. Esperei-a para o futuro Almanaque Garnier. É uma das suas melhores páginas... e quase todas, sendo todas as que escreve, me parecem melhores. É que o seu pensamento tem sempre uma dimensão que nix outros não temos, que é a penetração assombrosa tanto para o passado como para o futuro. São esses longos e esses últimos planos distantes que ninguém tem por aqui.

Resolvi, depois de alguma hesitação, mandar-lhe um livro meu de agora, frases feitas, livro miúdo, enfadado e sem perspectivas de conjunto. Não é pois para ler, mas para assinalar que ainda vivo, ainda que mal, com um fio de vida...

Vários exemplares já haviam sido enviados para ai, mas para especialistas: H. Lang, de Yale; H. Rennert, de Filadelfia, e Y. Elliot, de Baltimore. Não quis mandar-lhe-o no primeiro momento, pela conclusão a que cheguei de que seria inutil. Afinal cristallizei-me em alfarrabista, mas ainda tenho a vergonha desse destino final.

Lembranças de todos de cá que não cessam de admirá-lo e estudá-lo.

Um abraço do

JOAO RIBEIRO

Hamilton Mass, 14 de julho 1903.

Meu caro amigo.

Uma palavra em sua carta deixou-me preocupado: — que está preso à vida por um fio. Os deuses enganaram-se sempre no cálculo da vida, e muitos, que se acreditam por um fio, estão amarrados a ela por grossos cabos. É esta a minha convicção a seu respeito. Em nada o João Ribeiro que encontrei em 1868 no Rio se diferenciava em 1903 do "espanhol" de Paris, anos atrás, nem do companheiro da "Revista", ainda mais longe. Por um livro que me mandou o José Veríssimo vejo que entre os dois não tem havido boa camaradagem. Verda-

deiramente sinto ver essa batalha no nosso Olimpo tornada pública. Entre parêntesis, o Veríssimo citou uma frase do Silvio Romero oferecendo-me um de seus livros. Devo pois tê-la mostrado, a ele ou a outros. Mas creia que o fio não para triunfar, sabe que não sou um nescio; mas para mostrar o meu regozijo por tão honrosa e generosa manifestação de simpatia. Realmente muito a apreço.

Espero com ansiedade o seu livro. Não creia que possa nunca ser rastelro...

Même quand l'oiseau marche, on sent qu'il a des ailes.

Muito me desvanee a sua opinião sobre a minha Conferência de Yale. Não me mandaram o Almanaque Garnier deste ano. Ainda é tempo do Garnier se lembrar que eu sou um dos constantes afluentes, ainda que pequeno, do seu grande ramo brasileiro.

Apesar do calor tenho que ir em 23 de agosto pronunciar a "Convocation Address" na Universidade de Chicago. Como vê, as Universidades me estão tratando muito bem. Quando treme a primeira ai?

Creia, meu caro amigo, que ninguém o admira mais do que eu porque, por assim dizer, vejo

UMA APRECIACÃO sobre "Autores e Livros"

Menotti del Picchia, o famoso poeta e prosador paulista, está escrevendo para as colunas de A MANHÃ uns admiráveis artigos. Trazendo o seu segredo, se dissermos que é ele, aquela misteriosa inicial "M", que assina as crônicas da seção "Do Plutão". Na sua oitava do dia 10 do mês passado, publicou Menotti del Picchia uma formosa página a propósito de AUTORES E LIVROS. E é com prazer que hoje aqui a reproduzimos.

É a página de Menotti del Picchia:

S. PAULO, 9 — Há dias o sr. Múcio Leão publicou o índice do suplemento literário da A MANHÃ. Encerrou, assim, a primeira série de notas e estudos e documentações bibliográficas e iconográficas de alguns espíritos que ficam na história da penicumbra brasileira como seus nomes melancólicos.

São Paulo acompanhou com êxito a edição do jornalista ilustre, do crítico e do acadêmico. Comemorou, por acaso, às mãos mais altas do interior, lemos ali, escrito por um jovem bandidante, um ardido, ditando os trabalhos do sr. Múcio. Vinha o escritor cheirando a café em casa e as calças molgadas das lavagens paulistas. Adornou uma rara eloquência nesse artigo e, para nós, teve muita significação o que um florido elogio que lhe fizessem, de uma colônia da Casa de Machado, os srs. Ribeiro Couto e Riquette Pontal. Vários dias depois.

Apesar das atitudes da guerra, do estridor dos canhões, das escuras nebulosas das artilharias dos estúdios, a guerra fúlgida de Biliac, de Raimundo, de Euclides, de Castro Alves, de Varela e tantos outros, euclides e insomnes, soladores, volta para e solar a ordem do dia. Quando a gente imagina que o sonho alado dos artistas jazia morto e moribundo, como um balão vazio, por um tiro anti-aéreo, lá

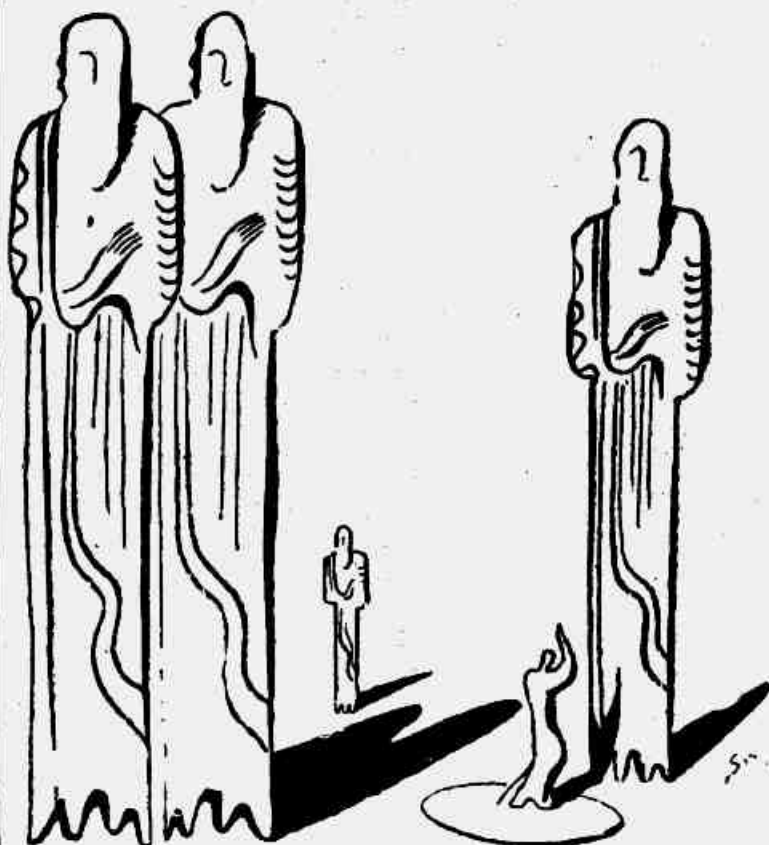
do fundo da terra ergue-se um grito jovem, espontâneo, aplaudindo as realizações do espírito. Isso quer dizer que não trabalharam em vão os que deram ao Brasil a força imortal do seu pensamento.

É possível que no tempo em que Vicente de Carvalho peregrinou por este mundo, houvesse zagueiros mais populares que o criador dos "Poemas e Canções". É possível que então, da estridente tribuna do parlamento, houvesse um demagogo que concentrasse as atenções nacionais com o tremendo fogo de barragem das suas arengas oposicionistas. O certo, porém, é que o nome do zagueiro e a fama cicerônica do liberalismo foram carregadas pela enxurrada do século. Deles nada resta em nossa memória. Os nomes dos criadores da beleza, porém, estão, ai presentes, operantes, inspirando as gerações novas, obtendo delas a homenagem que sua glória merece.

Quando os maus ventos do destino varrem da terra nações que atingiram o ápice do seu esplendor econômico, desses países restam ruínas e cinzas. Uma coisa, porém, não morre: a força imortal do seu pensamento. A Grécia, Roma, a França, hoje esmagada, todos os povos que atingiram uma culminância espiritual, sobrevivem na obra dos seus artistas e dos seus pensadores. Um fragmento de Calisto, uma estrofe de Alceu, um distico marcial de Tirteo ou uma ode de Píndaro, reconquistam todo o fulgor de uma cultura e garantem a imortalidade de pátrias destruídas pela colúbia e pela força.

Ai está o que nos diz o artigozinho do jornal do interior sobre o generoso e patriótico esforço do sr. Múcio Leão, ao qual Cassiano Ricardo deu todo o apoio. Esse acadêmico devotado vai "fazendo Brasil", um Brasil vivo e eterno, com

S O Z I N H A



FU ESQUECI A SENHA DO ANJO
PERDIDA, PERDIDA EM MIL CAMINHOS
QUE DÃO SEMPRE NO MESMO LUGAR
LUGAR DE PAISAGEM IMUTÁVEL
COM CRIATURAS PETRIFICADAS
TALHADAS TODAS IGUAIS

S A R A S O U S A

essa paciente obra de divulgação mais ampla e mais popular dos nossos valores.

É inútil dizer que as edições de A MANHÃ esgotam-se em São Paulo. São Paulo não

constrói apenas 4 casas por hora e não movimenta apenas, no seu felicitante parque industrial, trezentos mil operários. São Paulo orgulha-se do Brasil e do seu alto e nobre

pensamento, lê e aplaude iniciativas destinadas a mostrar que na terra do algodão, do café e do açúcar, "não só se pão vive o homem".

81

O "INTERMEZZO", de H. Heine

13

João Ribeiro.

Envolve-me, ó lindo amor,
Cinge-me bem em teus laços...
O vulto, as pernas, os braços,
Tudo me oprima em redor.

De modo que à sábia gente
Ocorram similares vis:
— Tu — a infinita serpente
Eu — o Laocöonte feliz.

14

Raul Pompéia.

Oh! não, não jures; basta que me abracess...
Não creio em vãos protestos femininos,
Tua voz é suave... Linda mais suave
É o teu beijo, o beijo que eu roubei-te.
Eu te possuo... e sei que falso canto
É a voz... Tua voz...

Não! Jura-me querida,
Ainda! ainda! sempre! amor protesta!
Eu creio em ti! Dize uma só palavra!

Contra o teu peito a fronte repousando
Eu sou feliz e creio na ventura!
Creio que me amas; creio que há de amar
Além da morte... sempre... eternamente.

15

João Ribeiro.

A' breve boca fiz-lhe a terza rima,
Aos seus olhares fiz uma canção...
Compuz depois uma ode peregrina
A' sua face fria.

Mas que poema eu faria
Ao coração, se nela houvesse um coração.

16

Rodrigo Otávio.

O mundo é cego, é parvo o mundo
E mais bronco se torna dia a dia,
Pois, pensa a teu respeito, erro profundo,
Que tu és de índole bravía.

O mundo é parvo, é cego o mundo,
Nem ele saberá jamais, querida,
Como o teu corpo é de prazer fecundo...
Como os teus beijos me dão vida.

17

Silva Ramos.

Tu vais dizer-me, ó bem amada,
Em confidência a mais discreta:
Acaso és tu visão sonhada,
No estivo ardor, pela abrasada
Massa do cérebro do poeta?

Não! Boca assim tão pequenina,
Olhos de um brilho tão vivaz,
E a ti tão bela, da divina
Beleza amável da menina,
Ah! isso o poeta, não, não faz.

Dragões, vampiros, bestas-feras,
A história natural completa
Dos falsos monstros de outras eras
Póde criá-los, vãs quimeras,
O ardor de um cérebro de poeta.

A ti, porém, e a tanta graça,
Teu malicioso olhar mordaz,
Em que a perfídia ao rir se enlaça
Ah! isso não; por mais que faça,
Ah! isso o poeta, não, não faz.

UM PRECURSOR BRASILEIRO DE HEINE - Ernesto Feder

Ao vemos em Gregório de Matos um precursor de Heine não é nosso intuito aproximarmos semelhanças, acaso fortuitas, entre as poesias de um e de outro.

Trata-se, antes, de acentuar, em ambos, a afinidade de gênio e temperamento; o parentesco da situação em que se enquadraram histórica e intelectualmente, e, por fim, a analogia dos destinos e do desenvolvimento dos dois poetas, resultante dos dois primeiros fatores.

O moço baiano, que fizera em Coimbra os seus estudos jurídicos, ali se tornou, logo, notório como "refinado na sátira" tão bem como, duzentos anos mais tarde, muito se falava, nos círculos acadêmicos de Goetttingen, das poesias de Enrique, o jovem de Dusseldorf. O poema de adrus ironico dirigido à Universidade portuguesa ("Adrus proluxa escolas...") recorda-nos, pelo erro de uma palavra, mais de um desses ditos zombeteiros do aluno de Goettlingen, cômico famoso por suas sátiras e uni-ver-sidades" e que, não raro, davam sumo às palestras do iu-gar.

Certa vez o jovem Enrique afirmou, com ares de muito sério, que a rua onde Meister, professor de direito romano, fazia o seu curso de pandectas, era mal-assombrada pela alma de um pobre estudante, morto de tédio pela sequeidão e insi-

pidez do curso do famoso professor, alma que só acharia o repouso eterno depois de uma tirada agradável que o mestre pudesse imaginar.

Esses dois estudantes-poetas se doutoraram em direito. Para Heine era coisa meramente formalística, um como que prenho suplementar. Andou, hem-pre, a ridicularizar a sua ignorância jurídica. No decorrer de uma excursão exclamou: "se alguém tiver o tope de me chamar de doutor em direito hei-de sová-lo até que lhe ocorra chamar, também, o doutor em medicina". Gregório, ao contrário, sabia casar ao seu talento satírico, a doutrina jurídica e as manhas de um caudiceiro experimentado. Instalado banca em Lisboa, grangeou, desde logo, a reputação de "boca de inferno", e seu biógrafo contemporâneo refere que ele se retirava da Corte descontente.

"De lhe não darem aquilo
Com que regaram a outora,
Pelo crime de poeta,
Sobre jurista famoso."

Tornado à sua terra, pôe, na Baía, a serviço de sua profissão, não só os argumentos jurídicos mas, também, a sátira de seus versos, como no famoso caso daquele juiz de Igarapé que iniciara contra alguém um processo "pelo haver deshonrado em chamar-lhe por vós". Encarregando-se da defesa do acusado, Gregório confessou o

fato e negou o crime com o sarcasmo desta flecha:

"Se a Deus se trata por tu,
E se chama a El-Rei por vós:
Como chamarem não
Ao juiz de Igarapé?
Tu e vós, e vós e tu."

Tal era o aprego em que tinham o dr. Gregório como um dos melhores juristas do país, que o próprio ovidor de Pernambuco, não sendo, embo-ra, seu amigo, disse, depois de sua morte: "Ja morreu quem entendia de Direito".

Mas, nem para Gregório, nem para Heine a profissão de advogado ou qualquer outra era essencial da existência. Acima das atividades especializadas ergue-se, num e noutro, o homem, o homem franco, espiritual e corajoso que, sem temer consequências desastrosas, diz, abertamente, o que pensa; que ousa estigmatizar vícios e erros; que ousa por a calva à mostra aos hipócritas, seja qual for o seu escalão social.

Há um símbolo de Gregório que serve de caracterizar ambos os dois. Conta-nos ele a história daquela "fonte maravilhosa na Baía em cuja água todo homem sizado que se banhasse ficava assim como a demais gente". Convinha seguir o exemplo? "Se não me ninha nesta água Mu! posso entre estes viver."

Por fim o poeta stimula resignar-se a esse banho, o que é a sua salvação:

"Ei-los veem com alvoroço
Todos para mim correndo,
Ei-los me abraçam dizendo:
— Agora sim, que és dos nossos."

E' ficção poética. Na realidade nem Gregório, nem Heine, tão pouco deram suas inteligências em holocausto. Por não se terem, como os outros, banhado nesta "fonte de asnia"; por terem mantido a visão aguda com que surpreendiam tudo o que havia de ridículo, de idiota e de vil, os dois poetas se condenaram ao ódio e ao isolamento. Matos fala pelos dois nestas redondilhas que tem o travo do amargor:

"Querem-me aqui todos mal;
Mas eu quero mal a todos.
Eles e eu, por vários modos,
Nos pagamos tal por qual."

E querendo eu mal a quantos
Me têm sido tão vemente,
O meu ódio é mais valente
Pois sou só e eles são tantos."

Algum amigo que tenho
(Se é que tenho algum amigo)
Me aconselha que, o que digo,
O fale com todo o empenho."

Este, me diz; diz-me outro
Que não me lie daquele.
Que farei se me diz dele
Que não me lie aquele outro?"

Heine passou em Paris a metade da sua vida; a princípio exilado espontâneo, depois em exílio forçado. Matos, também, deportado, sem processo, para

Angola, viveu exil. O que, porém, mais peon no viver e na poesia de ambos não foi o desterro geográfico e, sim, o psicológico a que se impeliu, sempre, os que preferem a sinceridade à hipocrisia; a franqueza ao silêncio; a luta à indolência.

Sentem-se, os dois, encarregados da missão de profligar, todos os dias, a injustiça, de punir a maldade, de arremeter contra os tiranos de todas as classes. São, para repetir o mesmo pensamento sob diversa forma, jornalistas. Enrique Heine pode ser lido como o crinador do jornalismo moderno na Alemanha, e sobre Gregório de Matos fez Ronald de Carvalho esta fina observação: "Talvez se o queres foi ele o nosso primeiro jornal, onde estão registados os escândalos miúdos e grandes da época, os roubos, os crimes, os adulterios e até as procissões, os aniversários e os nascimentos".

Cronologicamente filhos dos séculos XVII e XIX, não, ambos, modernos. Ambos tragi-cômicos, alternando o riso mordaz com a lágrima triste, a alegria com a tristeza:

"Contentamento, sede está
Que te não acha ninguém?
Se intenta buscar-te alguém,
Não sales por onde vas."

Este "mote", de que Gregório faz tão comvente glória, é como que o símbolo do viver e do fado comuns aos dois. As invectivas do poeta brasileiro contra a nobreza portuguesa lembram algo do famoso "Prefácio ao Livro sobre a Nobreza", de Heine. A ideia do "Romanço a todos os ladrões que há na Baía, por diversas formas" e, de todo, heiniana. Esse "Conselho de cinco ou seis famosos gatas" que, reunidos, à noite, num telhado, conversam, indelicatamente, sobre todos os segredos de seus patrões, entre os quais um escravo, um boticário e um alfaiate, toda essa série de caricaturas felizes puderam ter sido inventadas pelo autor do "Romanço" se exortarmos o gato do Convento dos Franciscanos, os quais mereceram, toda a vida, as preferências do poeta renano. Inscritos com as vultes mais interdidas (Gregório só pôde tornar ao seu país sob a condição de não mais fazer versos, e, na Alemanha, foram postas no índice todas as obras de Heine, presentes e futuras) incluem-se, ainda assim ou, talvez, por isso mesmo, entre os poetas mais lidos de seus contemporâneos.

Na obra de Heine o poeta lírico supera o polemista e o satírico. "Nas asas de seu lirismo" suas poesias ingressaram, triunfalmente, na literatura de todos os povos cultos. Na poesia de Matos não ocupa a lirica o primeiro plano. Heine defronta-se com uma literatura relativamente moça cuja língua fora afeccionada por Goethe, e o jovem poeta encontra, bem cedo, sua própria melódia. Curioso paradoxo: Matos, vivendo dois séculos antes, se acha em face de uma literatura completamente feita. A poesia brasileira seguirá o sulco da poesia portuguesa, secularmente clássica. "Nem a pena com que gravavam suas esculpturas precisou ter gumes acedados de es-copru: as figuras do pensamento achavam molde fácil na matéria dútil e copiosa da português quinhentista" (Xavier Marques). Tudo o que de convencional ou pespontado encontra em seus sonetos, oitavas e decimas é fruto de deficiência da época, e não da do poeta, pessoalmente. As declarações de amor que faz a dona Brites, a Antonica, à dama Teresa, "A uma dama com dor de dentes" ou "A uma dama que estava com um cravo na boca" contentam-se com imagens e expressões tradicionais tiradas

"Continuação da página anterior nos clássicos portugueses. O (Continua na página seguinte)

REGRESSO DOS "PAISES INEXISTENTES"

Alfonso de
Guimaraens Filho

A confiança no destino da poesia, na sua influência benéfica sobre os desaminhos humanos, eis o clima do livro de Múcio Leão ("Os países inexistentes", Rio de Janeiro, 1941). Não clima e confissão que dom a esta palavra a maior amplitude e significação. No primeiro momento, o que nos ocorre é a certeza de que estes versos, alguns deles tão serenos e puros, não apenas um convite à partida. Apenas? Nenhum contrate repugnará tanto na nossa alma cansada das paisagens monótonas e dos lamentos humanos. Mas é que esta viagem aos "países inexistentes" poderá exprimir, antes de tudo, um desejo de evasão. E aqui levamos a poesia, não como participação no sofrimento e na inquietação gerais, mas como uma fuga à realidade, uma evasão para Pasárgada... Ou então o convite à viagem lúdica, a fuga para os países onde tudo é "order et beauté, luxe, calme et volupté"...

Mas o poeta quer oferecer as seus "países inexistentes", transportados numa dessas viagens do espírito. "Queres partir contigo para países muito distantes?" — pergunta — para descobrir que são "países que dormem embalsados por ocras que ninguém conhece". E vejamos que o seu convite alcança então uma vibração estranha, capaz de nos arrastar, dominados pelo seu prestigio:

— leve-te às ilhas paradisíacas.

Que estão dormindo no ritmo das ondas mansas.
Lá os árvores cheias de sombras são feitas de humanas ternuras
E os pássaros que cantam tem uma voz límpida como violinos."

Aqui está, mais que uma promessa de evasão, a certeza do refúgio, da mansidão, do esquecimento:

"E tu há-de repousar a cabeça no meu peito,
Destalvada pelos meus países inexistentes."

Este convite à evasão não é sendo um momento na sensibilidade do poeta. E', porém, dos mais definidos, e talvez o que mais caracteriza o seu livro de poemas. Num poema, forte como "Pavão" (pág. 33) Múcio Leão cria o sortilégio que exerce sobre a sua alma a fascinação das viagens:

Sinto-me como se fosse um batel, arrastado pelos mares sem fim.
Meu impeto é partir, vencer as altas ondas, partir.
Perdo-me nas imensidades, fundir-me nas águas azues, diluir-me no teu seio ardente, Océano!

Longe — presenço — estão as ilhas,
As deliradas ilhas cobertas de conchas,
Que eternamente cantam sob as ventanais.
Estão as paisagens carinhosas, onde moram os serceas,
Estão as rias de leite transparente,
As viagens terras noturnas onde vão dormir as estrelas.

Meu impeto é partir para essas ilhas estranhas,
E vencer mares, dominar procelas, conquistar os distantes
[países perdidos.

Ah! quem pudera quebrar as âncoras invencíveis,
As âncoras que laceram o fundo triste das ondas?"

Como está vivo nestes versos o sentimento de quem se percebe solitário por vezes obscuro para as viagens nos países da lenda, poderosas viagens onde de novo nos encontramos e nos vemos na posse do nosso mundo perdido... São certamente "os distantes países perdidos" o que procuramos às vezes dentro da nossa limitação...

Mas é preciso não se entregar de todo à sedução destas viagens... E Múcio Leão, como os poetas do momento, não desconhece qual seja a destinação da poesia. Incontestável me parece que em poucos tempos a poesia alcançou tão intensa mente a sua finalidade. Por ela mesmo é que se há-de depurar e de se purificar este mundo calamitoso. Mais do que nunca sentimos necessidade absoluta da sua presença, não só pela que possa oferecer-nos de fuga e serenidade como de uma participação confiante e segura na universal expectativa. A poesia deve de ser então uma força inerte para resultar na mais vigorosa e dominadora esperança para os homens. O poeta do "Os países inexistentes" bem o sabe, porque pode dizer-nos:

"Das almas da Múia
E' que vão nascer as novas paisagens mansas,
Cobertas de noites misteriosas."

"Das mãos da Múia
E' que vão sair todos os perdões generosos,
Todos os perdões redutores."

E não resta dúvida, que estes versos encerram uma advertência. O canto do poeta se deve penetrar então de todas as vezes e de todos os segredos. Sua preocupação religiosa me parece muito clara. Sua necessidade da pureza das coisas mais frageis — as rosas, por exemplo — transporta a sua alma a regiões de bruma e infunde aos seus versos uma palpitação de mistério. As rosas, as estrelas, o oceano, a distância, o amor, o morte, o desejo de partida, todos se fundem, nestes versos, onde há muita angústia, por certo, mas onde vibra, sobretudo, uma deslumbrada esperança. Porque o poeta não ignora que houvera o regresso dos "países inexistentes":

"E ali estão (e enjam eu ao vejo, oh! como eu as posso clamar
[mente ver:]
As águas fecundas, as águas mansas, as águas eternas,
As águas que estão pedindo viagens, partidas, perdições sem
[Jim em terras também, sem fim,
E tudo com a sacrossanta promessa de um maravilhoso re-
[gresso, um dia."

(Dezembro de 1941).

